

# Sérgio Franclim

## AMAR E MORRER EM SINTRA

### I

Se o amor for maior do que a morte, acontecem milagres, que tornam mágica a vida do amante que ainda resiste ao destino trágico. Consciente disso, o meu desejo final é repousar entre as estrelas, mas apenas depois de o amor me ter consumido com o fogo dos mil e um encantos. Poderei, então, morrer e ser esquecido como se nunca tivesse existido, pois, se o amor for mesmo maior do que a morte, a felicidade é avessa à vida terrena.

Principio este meu primeiro e último livro como se, com a lucidez do término, pudesse eu tomar a alma de uma salamandra e sentir, nesse animal misterioso, que se forja nas labaredas, não apenas o nome, mas o segredo dos que se amam e se fundem num lugar distante e eterno. Mas, antecedendo o voo da minha eternidade, vivi em Sintra: o ministério dos meus sonhos.

A primeira vez que vi uma salamandra cor-de-fogo foi na companhia do meu saudoso pai e do meu irmão, mais velho do que eu seis anos. Era o dia do meu aniversário. O meu pai, enquanto a minha mãe se estendia na preparação da festa, levou-me para as entranhas da serra de Sintra, a terra onde nasci, cresci e amei.

Caminhávamos por um daqueles trilhos que apenas o meu pai conhecia quando, subitamente, parei para não pisar estranha figura. Aos meus pés, estava um animal negro, sarapintado de laivos laranjas, como se os mesmos fossem labaredas no seu corpo húmido. Pela forma, pensei que fosse um lagarto diferente dos que habitualmente via.

– É uma salamandra cor-de-fogo, filho. Há muitas do género em Sintra. Esta parece que tem fogo no corpo.

Fiquei fascinado com o animal que permanecia imóvel. Tive vontade de tocar na sua pele, de sentir a sua textura, de tocar nas labaredas que parecia ter e ganhar um qualquer poder que o toque podia permitir. Era uma criança e ganharia por aquele animal um grande afeto. Desde então,

sempre que via uma salamandra cor-de-fogo um pressentimento de bom augúrio envolvia-me o espírito. No dia em que soube que entrei para a faculdade, vira uma salamandra. Outra vi no dia de casamento do meu irmão. E outros avistamentos coincidiram com acontecimentos mais ou menos importantes.

Apesar de os acontecimentos recentes ainda estarem efervescentes por todo o meu espírito, a visão de uma salamandra ao despertar numa sexta-feira para ir trabalhar anunciava um bom presságio. De facto, no dia em que vi uma salamandra, fui realmente tocado pelo mistério de um encontro único, que escreveu em mim a certeza de que a vida sem amor e saudade não é feliz. É esse encontro que desejo narrar, ultrapassando os muros de pedras que existiam em mim e que fizeram com que eu ocultasse a identidade de um ser que já era extraordinária e verdadeiramente livre...

– Qual é o nome deste lugar?

Levantei o rosto e sorri.

– Sintra.

Esta foi a minha primeira palavra para a misteriosa menina que me interpelou pouco tempo depois de me ter sentado num dos degraus do palácio da Vila. Não me apercebi da presença dela quando me sentei nem dei conta de que ela se aproximara de mim. Estava distraído à procura do meu telemóvel.

– O que é isso que tens na mão?

Ao escutar tal pergunta, sorri novamente e esbocei um ar de espanto. Antes de responder, contemplei os olhos cintilantes da menina que fizera, aparentemente, uma pergunta tonta.

– Um telemóvel.

– Ah! Deve ser algo muito importante, pois tanta gente anda com um na mão.

Sorri novamente com a observação feita.

– Como te chamas?

Hesitou um pouco antes de me responder.

– Sintra.

E sorriu-me.

- Sintra?!
- Gosto tanto deste lugar.

Disse-me ela como se repetir o nome do lugar onde estávamos fizesse sentido.

- Mas gostar de um lugar não faz com que mudes de nome.
- Nunca tive um nome...

Foi, então, no outono de 2012 que este encontro se deu. E o encontro foi a concretização do bom augúrio anunciado pela manhã. Assim que despertei, abri os estores do meu quarto e no exterior do parapeito da janela estava uma salamandra (há muito que não via uma). Todavia, depois de a tragédia ter assolado violentamente a minha vida, não consegui antever um bom presságio com a visão daquele animal. Não abri a janela com medo que o mesmo entrasse para dentro de casa e não deixei o meu quarto arejar nessa manhã.

A estação começava a mudar a paisagem de Sintra e o vento fraco soprava com o alento do frio. O sol brilhava nesse dia sem ter a companhia de nuvens no céu e eram os raios solares que tornavam o dia reconfortante. Quer o palácio da Pena, quer o castelo dos Mouros, cada um no seu cume, estavam plenos na serra: totalmente visíveis e esplendorosos para a contemplação dos homens e dos anjos. Do palácio da Vila, eu contemplava parte das muralhas do castelo e o pensamento era conduzido pelas recordações que tinha de todo aquele local.

Nessa sexta-feira, não fora trabalhar. O editor do jornal onde trabalhava dera-me o dia a meu pedido sem qualquer protesto. Os últimos acontecimentos na minha vida tinham feito com que ele se tornasse condescendente.

Decidira passar o dia a caminhar (não a passear) pelos locais onde fora tão feliz, como se pudesse fixar para sempre e até recuperar momentos da memória. Tentaria eternizar pormenores que se vão, por vezes, apagando com o tempo. Queria recuperar dias, instantes e torná-los mais firmes dentro de mim. Queria que a alegria tantas vezes tida por mim não caísse no chão sem vida, não caísse como as folhas que caíam nesse dia em Sintra e que se extinguirão na secura a que são sujeitas quando se libertam da vida que tinham na árvore.

Marcou-me indelevelmente essa sexta-feira de outono, dia em que conheci tão enigmática menina, e digo menina sem certeza da idade que

ela realmente tinha. De facto, nem sei que idade lhe daria e talvez fosse mais velha do que parecia. Mas a simplicidade da sua alma fez com que a visse como uma menina, menina que passou a ter um nome com o nosso primeiro encontro: Sintra.

Nunca narrei oralmente os meus encontros com Sintra a ninguém; nem mesmo a João, meu irmão mais velho e que sempre foi o meu melhor amigo. Temi a incredulidade daqueles que ouvissem o que tinha para contar. Eu próprio, se não tivesse vivido os acontecimentos que decidi contar, colocaria em causa a história e a lucidez do narrador. Mas não posso mais deixar de adiar a narração das minha vivências com Sintra, pois como dizia a menina: “Se negarmos o que vivemos e o que sentimos, esquecemos rapidamente a verdade de dias mágicos”. E eu concordava com tais palavras. Eu próprio pedira ao meu chefe para faltar e ir cultivar as memórias que tinha da encantada vila de Sintra, onde fora tão feliz...

## II

– Nunca tive um nome...

Por momentos, julguei que falava com alguém demente. Mas a serenidade do olhar, a alegria do sorriso, contrariavam a presunção que tive com tal consideração. A menina que estava diante mim não podia ser uma pessoa tola; e talvez aquela menina fosse até uma mulher com rosto infantil.

Sintra era especial. O tempo confirmaria esta minha assunção. Descrevê-la-ia como tendo um rosto singelo, com olhos verdes acinzentados. O cabelo longo era castanho claro e liso, estranhamente aclarado nas pontas, e caía-lhe pelos ombros. A boca, de lábios evidentes, surgia no rosto com um sorriso largo, um dos mais bonitos que vira até então. O nariz era curto e perfeito no rosto. A tez era suavemente morena. E sempre que olhava para ela via uma menina com ares de gente grande e palavras sábias.

Vestia-se de forma simples. Por cima das suas calças de ganga, tinha um vestido de cores quentes e gastas. Calçava umas botas, que lhe assentavam nos pés com graciosidade. Os braços eram esguios e coincidiam com as suas mãos delicadas. Por cima do vestido, um casaco que eu pressentia quente e confortável.

Com naturalidade, sentou-se ao meu lado e os dois ficámos alheados de todo o movimento. Os turistas passavam por nós sem noção

do encontro mágico que se cumpria pela primeira vez entre nós: subiam e desciam a escadaria sem que tivessem noção da nossa presença. Esses turistas queriam ver a beleza do palácio e eu ia começar a ver a beleza de uma pessoa como nunca tinha visto. E a beleza da alma, que não tem as formas geométricas nem as cores definidas dos edifícios, é maior do que qualquer coisa.

Com Sintra, aprendi mais tarde, que a beleza não se encontra na abundância que algumas pessoas têm. A beleza está em ser amado diariamente: com um toque, com um beijo terno antes de o sono nos tomar o corpo, em sentir a proteção de alguém quando a tempestade fustiga a nossa casa, em escutar a palavra certa, em ter o silêncio quando necessário, mas acompanhado por um abraço sempre que este for desejado... A beleza da vida está em morrer com o amor de pessoas únicas. E são as pessoas especiais que tornam a nossa vida feliz.

– O que fazes aqui sentado?

– Sintra é o teu nome?

Quis confirmar a história de não ter um nome.

– É. Assim posso ser como toda a gente e ter algo que é meu.

– E o teu nome é então especial. Não conheço ninguém que se chame Sintra. Com o nome João, Maria, há muitas pessoas. Onde estão os teus pais?

– Estou aqui sozinha.

Não acreditei no que me dissera. Provavelmente, os pais estariam nas proximidades e aquela menina, atrevida ao pôr conversa com um estranho, estava apenas a entreter-se.

Perguntou-me:

– Estás à espera de alguém?

– Não estou... Deixei de esperar o que quer que seja...

– Mas tens ar de quem espera.

E eu esperava. Esperava que naquela sexta, em que o trabalho ficou esquecido, pudesse surpreender-me com o regresso de quem, contrariamente à minha vontade, partira. Mas esse regresso era impossível.

– Talvez espere, Sintra. Mas espero em vão.

Eram cerca das três horas quando iniciei a minha conversa com aquela menina que se sentara ao meu lado no degrau e que dizia estar sozinha.

– Os teus olhos têm chorado muito.

O que sabia ela de mim?

Quem era Sintra?

Como podia ela conhecer o meu íntimo?

– É verdade.

– Sabes: as lágrimas são oceanos minúsculos. Em cada uma delas há um navio que navega... Conta-me a história triste.

Não quis contar a minha história. E brincando disse:

– Ainda não te conheço o suficiente para te contar os meus segredos.

– Mas eu sou boa a guardar segredos.

Talvez ela soubesse realmente guardar bem segredos. Mas o que eu vivenciara era algo estranho. Tentei saber coisas dela, mas as suas respostas nunca me respondiam efetivamente às questões que lhe colocava. Era ela que me perguntava coisas, como se adivinhasse o que me ia na alma e depois logo brincava com a situação.

Durante uma hora falei com Sintra sem saber que nome realmente tinha. Ela fazia-me rir e deixei-me conduzir pelo seu otimismo. De repente, disse-me:

– Tenho de me ir embora.

– Os teus pais estão à tua espera?

Ainda esperava confirmar que aquela menina nada tinha de incomum e que tinha os pais à espera e que apenas usava muito a imaginação.

– Já disse que não tenho pais.

Lembrei-me então que os pais poderiam ter morrido e que agora vivia com um qualquer outro familiar. Corei um pouco por me aperceber que, sem dar por isso, poderia ter sido muito insensível.

– Adeus, gostei de te conhecer. Continua a olhar a estrelas e a contemplar o pôr-do-sol.

Como sabia ela dos meus gostos pessoais? Mas nada perguntei.

– Adeus, Sintra.

Aquela menina sorriu, virou as costas e partiu. Peguei no telemóvel para ver se tinha alguma mensagem ou chamada perdida. Quando levantei os olhos para ver se ainda via a dita menina Sintra, já a mesma tinha desaparecido. Levantei-me finalmente do degrau onde estava sentado e fui até casa, que ficava perto dali.

Já no aconchego do meu lar, não consegui sossegar. Algo me interpelava e eu não entendia o quê. Fui até à janela da sala de estar e o sol já não era visível. Mas eu sabia que do outro lado da serra o sol ainda perdia a sua força e que podia encará-lo. Peguei na chave do meu carro e conduzi até ao santuário da Peninha, construído num lugar com vista privilegiada para uma paisagem imensa, onde o mar dominava e onde o sol se escondia em cada dia.

A estrada até lá já estava envolta pela penumbra. Parei o carro nas proximidades do local e subi, enfrentando com satisfação o sol a descer calma e majestosamente sobre o mar. Subi depois a escadaria que dava até à entrada do santuário e encostei-me no muro... Senti vontade de chorar. A recente tragédia da minha vida assolou-me e a saudade pela perda foi enorme.

Tive anseio em ter aquela menina junto a mim. A alegria, a paz e o otimismo daquele ser seriam um bálsamo para a minha solidão. Mas, se já conseguisse ver com o coração, teria visto Sintra a contemplar comigo o pôr-do-sol.

Regressei depois ao centro da vila. A noite tomara por completo aquele final de dia. Sintra tinha um ar enigmático e eu continuava sem vontade de ir para casa.

O vento assolava agora a minha terra e o frio era intenso. Devia ter levado um casaco mais quente, também porque decidi sair do centro da vila e ir para os lados da estação de comboios.

O encontro fortuito que tivera à tarde reconfortava-me a alma e diluíra-me a solidão. A noite da minha amargura fora aclarada pela menina misteriosa, que surgira nesse dia como estrela.

Passei a fonte Mourisca e pareceu-me ver a menina Sintra. Mas tal fora impressão minha, aliada ao desejo que tive de que ela não partisse. Continuei a deambular pelo passeio e já eram poucos os transeuntes que

circulavam por ali àquela hora. Passei ainda pela casa das Verdadeiras Queijadas da Sapa e segui até ao edifício da câmara municipal.

Interrogações diversas começaram a bater-me à porta do pensamento:

Quem era... Sintra?

Qual seria o seu verdadeiro nome?

Poderia estar fugida dos pais?

Ou poderia ser... de outro planeta?

Talvez fosse um anjo?

Deambulava com passos incertos, esquecido do que combinara com João. Ainda não me lembrara de que tinha ficado de ir jantar a casa do meu irmão com a mulher e os filhos.

Parei por momentos junto ao edifício da câmara municipal. E procurei ver a menina Sintra.

“Que estupidez!”

Pensei e segui caminho, subindo a rua que dava até à estação de comboios. Olhei, então, para o café Saudade e fui procurar um canto para estar.

Como almoçara mal e nada comera ao longo da tarde, a fome envolvia-me. Num cantinho do Saudade, comi vagarosamente e acompanhado por mil e uma recordações. Num cantinho daquele lugar tão acolhedor, estava esquecido do meu compromisso e sentia-me, como há algum tempo não me sentia, devoto da tranquilidade.

Porém, a paz acolhida por mim anular-se-ia imediatamente se eu soubesse que fora seguido até à entrada do café Saudade.

### III

A noite em Sintra é das mais belas noites que o mundo pode ter. O mistério das paisagens, agora incertas com a escuridão, as formas dos edifícios, como se fossem baús de histórias antigas e fascinantes, contribuía para um ambiente fantasioso. As luzes artificiais iluminavam as ruas, mas não enchiam todos os recantos da minha vila.

Permanecia no café Saudade, nostálgico nas formas que o lugar conserva e nostálgico nas memórias que criei ali. Estava alheio à

perseguição e tomado pela tranquilidade que sentira há pouco no santuário da Peninha. O meu pensamento pacificado foi, contudo, perturbado pelo toque do meu telemóvel. Procurei-o no bolso do casaco e, assim que vi o écran, lembrei-me do compromisso de ir jantar a casa de João.

O meu irmão telefonava-me. Estava esquecido do jantar... João amanhã chatear-me-ia a valer por não ter atendido a chamada e por não ter dito nada. Mas estava tão bem ali. Não me apetecia ir até Cascais. Queria ficar na minha terra. Amanhã conseguiria ouvir um sermão dele.

Levantei-me, paguei no balcão e saí do Saudade.

João, o meu amado irmão mais velho, sempre fora para mim um exemplo a seguir. Cresci com a sua proteção e procurei imitá-lo em quase tudo. Agora, enquanto adultos, somos bastante diferentes. Ele é engenheiro e eu jornalista. Ele tem família, mulher e filhos, e eu não consegui ter uma. Os filhos são dois e talvez eu nunca tenha um. Fisicamente, ele é um pouco gordo; e eu sou magro e um pouco maior do que ele. Ele tem olhos verdes, como o nosso pai, e eu tenho olhos castanhos como a mãe.

João: engenheiro cheio de projetos por cumprir. Engenheiro cheio de tudo: ferro, parafusos, réguas, maquetes e maquinetas, de todo um sem fim de pessoas para executar o que alguém projetou. Mas tem a vida asoberbada de compromissos e obras por concluir. Tem tudo o que quer e oferece à família todo um conforto, que é, pelo comum dos homens, invejável. Mas não tem tempo para viver o que pode ter. Nem tempo para ver um pôr-do-sol e ter um momento belo entre ferro e outros materiais de construção.

E a menina Sintra?... Onde estaria aquela menina-assombração nesse momento? E se tudo tivesse sido alguma criação da minha mente saturada de tédio e frustração?...

Depois de ter mandado uma mensagem ao meu irmão pelo telemóvel a desculpar-me, fui ver se Sintra poderia ainda estar nas proximidades do local onde a encontrei. Não a vi e pensei, com alguma tristeza, que nunca mais a veria. Fui para casa acompanhado pelo frio e com vontade de dormir e esquecer a realidade. Mas, se visse com o coração, teria visto que as estrelas nessa noite brilhavam com outra intensidade.

Em casa, fiquei envolto pelo silêncio e pela solidão. Não liguei a televisão; não quis ver as notícias num qualquer canal temático como

habitualmente fazia quando chegava a casa. Preferi ficar entretido na sala de estar com o meu pensamento. Não comi mais nada. Levantei-me a certa altura da poltrona onde estava sentado e fui fazer um chá de camomila. Queria ver se relaxava um pouco antes de ir dormir. Um chá de camomila para mim era sempre uma bebida reconfortante.

Li e terminei de ler o livro que começara há quatro dias. Depois rezei como se fosse um hábito (há muito que não rezava) antes de me erguer da poltrona e fazer o meu ritual que anunciava o deitar. Assim, ainda antes de me ter deitado, fui até à cozinha beber um pouco de água. Estava estranhamente sedento. Acendi a luz, peguei num copo, enchi-o com água da torneira e sorvi o líquido como se estivesse acalorado num dia de verão. Sem dar bem conta, levantei os estores da janela da cozinha e espreitei o céu noturno. Este permanecia limpo e o vento que varrera as ruas de Sintra escondera-se nas esquinas silenciosamente, pois já não se fazia sentir. A noite estava possessa por um belo céu estrelado. Uma salamandra surgiu do recanto e as suas riscas laranjas pareciam refulgentes.

Então, por momentos, fechei os olhos e vi, senti, não sei definir a percepção, que eu brilhava. Mas a forma estranha que podia ter definido o meu encontro com a misteriosa menina podia ter-me deixado mazelas de alucinação.

Contemplei, como que enfeitiçado, a imensidão do céu e nem notei no sujeito que se encontrava encostado ao poste de luz que se situava nas proximidades da minha casa. E era por minha causa que aquele sujeito ali estava; mais tarde descobriria porquê.

Se aquele homem tivesse sido visto por mim à tarde e depois ali àquela hora, sentiria medo. Mas a ignorância colocava de parte esse sentimento. Agora ali, tranquilamente especado, com os olhos no céu, eu era filho das estrelas contempladas e estava cheio de destino e, invariavelmente, de Deus. Rezar tinha-me deixado leve e com o coração a bater com mansidão. Ou teria sido o chá de camomila?

Entretanto, a salamandra sumira com o mistério com que também aparecera.

#### IV

Acordei no dia seguinte, sábado, com o meu irmão. Telefonava-me porque queria tirar satisfações pelo dia anterior.

- Desculpa-me o esquecimento.
- Mas porque não atendes o telemóvel? Fico sempre preocupado.
- Diz o roto ao nu. Tu é que nunca atendes o telemóvel. A tua mulher está sempre a queixar-se disso.

Não devia ter dito o que disse. Mas estava com pouca paciência, como andava já há algum tempo, e esta fora a forma que arranjava para ele terminar logo com a chamada. Mas, apesar de ele ter ficado chateado, colocou de parte os sentimentos feridos e continuou a debater a necessidade de eu não me isolar tanto. Se fôssemos mais novos, aquela nossa conversa teria dado uma grande discussão. Todavia, a maturidade da idade ajuda-nos a não dar tanto relevo a palavras que saem da boca sem qualquer sentido de bem.

– Nem vou dar importância ao que disseste. O que te quero dizer é que eu estou disponível para ti a qualquer hora.

A verdade é que João foi a primeira pessoa a quem telefonei depois de ter encarado a tragédia que atingiu dramaticamente a minha vida. E não me atendeu. Provavelmente estava envolto na construção de uma qualquer ponte e não deu conta de que aquela chamada poderia ter sido a única chamada que o irmão poderia ter desejado que fosse concretizada com um “Estou”. Contudo, desde esse dia fatídico, passou a estar presente mais do que alguma vez imaginei. Eu é que tenho fugido do convívio e vivido com um monge, cuja dor apenas pode ser sarada com a solidão. Em termos práticos, tem sido um pai e até uma mãe para mim, os nossos falecidos pais estariam orgulhosos dele. “Obrigado, João”.

Terminada a chamada, fiquei ainda um pouco mais na cama. De súbito, fui tomado por pânico. Fui assolado pelo terror que me bateu forte no dia da tragédia. Tentei dominar o latejar crepitante do meu coração e apenas depois de ter pensado na menina Sintra consegui acalmar-me. Vê-la-ia alguma vez mais? Ou tudo teria sido consequência de uma mente perturbada e sedenta de alívio para as dores interiores?

Por fim, ergui-me da cama. Levantei os estores da janela do quarto e deixei que o sol entrasse no meu quarto, mas principalmente dentro de mim. Uma vez mais senti um desejo de agradecer aquela luz matinal, o desejo de agradecer a minha vida, mesmo que até há pouco tempo o desejo de morte tenha sido uma presença muito difícil de colocar de parte. Talvez por isso, quase inconscientemente, murmurei:

– Obrigado, meu Deus, por mais este dia, por este sol, pelas possibilidades que um novo dia oferece. Obrigado...

No fim das minhas palavras, desejei rever a menina misteriosa. Podê-lo-ia desejar?

Cheio de uma vontade que contrariava o sem vontade que me debelava a alma nos últimos tempos, tomei um bom pequeno-almoço e saí de casa.

Apesar de o sol brilhar, estava frio em Sintra. O calor do verão já se tinha ido definitivamente embora da serra. As folhas das árvores continuavam a cair com intensidade, cobrindo o chão com aquele castanho mágico, que as crianças adoram pisar. Talvez seja o som estaladiço das folhas secas, talvez seja o mistério de desfazer a ordem com que as folhas caíram que faz com que toda a criança pise alegre e furiosamente aquelas estradas de natureza morta.

Caminhei durante trinta minutos, antes de me sentar no exato local onde tinha sido abordado por Sintra. E esperei ali um pouco. Ah! A vida é feita de inúmeras esperas. Seria nesse dia que contaria, pela primeira vez, o acontecimento trágico que desfizera a harmonia da minha vida e aliviaria desse modo a opressão de sentimentos acorrentados dentro de mim.

Nas escadas do palácio da Vila, ia vendo o movimento das pessoas que circulavam ao meu redor. Esporadicamente o meu olhar subia e prendia-se na magnitude do castelo dos Mouros. Parecia que uma voz provinha das muralhas do castelo. Talvez por isso decidi ir até ao castelo. Pensei que podia ir buscar o carro e deixá-lo nas proximidades. Mas o ideal seria caminhar. Subir, cansar o corpo, não esperar pela menina do dia anterior.

Atravessei a vila a pé e rapidamente já estava no caminho que conduzia, pelo interior da serra, até ao castelo, que tantas vezes visitara. Mas adorava escalar a serra. E, depois de estar dentro das muralhas, subiria e desceria por estas até me cansar, contemplando a magnífica paisagem que se tem a partir do alto.

Entretanto, no ventre da serra, fiz uma pausa. Por momentos, parecia que uma voz me chamava, que me dizia para não parar. Seria real aquela voz? Ou tudo resumir-se-ia à impressão de um sofredor que quer ter lucidez em cada dia da sua vida? Assim, a pausa foi curta. Segui caminho. Mas não era isso que a voz queria: que eu não parasse, que eu continuasse?

Quando estava quase a chegar junto ao portão que dava acesso ao castelo, eu vi... Não podia ser coincidência. O que se passava comigo?

Quem era ela? Como podia novamente me encontrar com ela?... Eu vi a menina Sintra, como se me esperasse no castelo do Mouros.

Ela sorriu-me quando me viu. Que sorriso tão inocente e tão belo.

Assim que cheguei junto dela, perguntei:

– Sintra: o que fazes por aqui?

– Estou à tua espera. Hoje já passei pelo palácio da Pena e já fingi ser princesa. Queres passear?

Diante daquela pergunta, sustive a respiração e respondi lembrado de que os meus passeios tinham recentemente terminado:

– Eu já não passeio.

A menina sorriu.

– Eu também não passeio. Caminho. Apenas te perguntei se querias passear, porque me tenho apercebido de que a pessoas gostam mais de passear do que caminhar... E tens razão: passear deve ser feito apenas com uma pessoa especial.

Sintra entendia-me as palavras e os sentimentos mais íntimos, apesar de eu, até àquele momento, não lhe ter narrado os acontecimentos relacionados com Sílvia...

Quem é Sílvia?

A mesma pergunta fazia a menina inexplicável enquanto caminhávamos pelas muralhas do castelo.

– Quem é Sílvia?

Era a mulher com quem eu passeava, de mãos dadas e certos de que o nosso futuro seria triunfante. Ao fim de semana, subíamos e descíamos a serra de Sintra; por vezes abraçados, intercalando os nossos passos com um beijo mais demorado. Passeávamos e lá íamos nós, confidenciando sonhos, certezas, acontecimentos da semana.

– Isso é amor.

Disse-me Sintra.

– É verdade.

– Um amor feliz...

Estas palavras agitaram-me e deixaram-me os olhos lacrimosos. Disfarcei as lágrimas que sonharam libertar-se dos meus sonhos e que não chegaram a escorrer pela minha face abaixo.

Com uma menina ao lado, subia e descia as muralhas daquele que era para mim o castelo português com a mais bela paisagem do país. Entretido pela companhia e pelo desabafo, nem dava conta de que era novamente seguido. Caminhava distraído e sentia-me, assim, feliz. E a distração, por vezes, é das maiores felicidades.

## V

Sábado de outono. Sol no alto, mas o ar frio faz com que o calor do verão seja saudade. Pela primeira vez, desde a hora fatídica, sou capaz de contar o que aconteceu... Ai, Sílvia! Sinto tanto a tua falta!... Apesar de o sol triunfar no amanhecer, no horizonte avistam-se as primeiras nuvens.

Foi no castelo dos Mouros, às voltas, como se o tempo fosse algo inexistente, que contei a uma criança, talvez adolescente, talvez mulher de traços muitos joviais (confesso alguma dificuldade em definir quem era Sintra), o dia mais triste da minha vida.

– Conta-me a história de Sílvia.

E contei a malograda existência da única mulher que amei.

Sílvia Nascimento teve berço em Tomar e aqui cresceu. Os pais, ambos professores do primeiro ciclo, proporcionaram-lhe uma boa educação. A maior parte das suas férias eram passadas em Sintra, pois os pais tinham uma casa de férias na vila que eles consideravam ser das mais belas de Portugal. Muitas vezes eu e Sílvia possibilitámos termos tido alguma brincadeira em criança ou fingido algum namoro de verão na nossa adolescência, já que eu sempre vivi em Sintra; aliás, ainda vivo na casa onde os meus pais viveram, nem a morte por último da minha mãe fez com que eu abandonasse o lar, ao contrário do meu irmão, que teve necessidade de sair logo dali, mesmo que o seu casamento estivesse quase a realizar-se, não existindo lógica em mudar-se então.

Quando Sílvia entrou na faculdade no curso de Ciências da Comunicação em Lisboa, foi morar para a casa que os pais tinham mesmo no centro da vila de Sintra; e o destino, como ela dizia, tudo tinha feito para que nos encontrássemos. Conheci Sílvia nos primeiros dias dela na minha terra de sempre: conheci a mulher que me surripiou da vida mundana e que me fez sentir a paixão como nunca possibilitara nem

sentira. Não sei se foram os seus olhos vivos e brilhantes, olhos salientes num rosto com traços finos, acompanhados por cabelos longos, ou se foi o seu sorriso de lábios estreitamente carnudos que me prendeu toda a minha atenção. A beleza do sorriso de Sílvia nunca eu tinha encontrado no rosto de qualquer outra mulher; também não amara até então. Tivera duas ou três paixonetas e que nunca foram consolidadas no maior dos sentimentos: no amor.

Conheci Sílvia no dia em que fiz trinta e três anos e foi o meu aniversário que fez com que trocasse as primeiras palavras com a jovem que se vestia de forma ligeira: calças de ganga, camisola sem grandes elaborações artísticas e um casaco de pele confortável. Tinha os cabelos soltos, bem escovados, como quase sempre tinha, e era, repito, a mulher com o mais belo sorriso do mundo; e o olhar dela fascinava-me.

Sílvia sempre me disse que a adoração que eu tinha por ela era única e exclusivamente consequência do amor. Dir-me-ia provavelmente que eu também já dissera aquelas balelas a outras antes dela... Não, nunca dissera.

“Tu foste especial em vida e... na morte.”

Eu fazia trinta e três anos e estava no Saudade com os meus três grandes amigos a lanchar no final da tarde de um dia nove de outubro quando ela se sentou, sozinha, na mesa ao lado da minha. Confesso que não a vi num primeiro instante nem me apercebi da presença dela. Estava na companhia de amigos, que se tinham juntado a mim nesse dia com a desculpa do meu aniversário para cumprirmos um encontro ambicionado por todos há algum tempo.

Nuno Vaz foi o amigo, mão do destino segundo Sílvia, que permitiu que ela se sentasse na minha mesa e celebrasse, desse modo, o meu aniversário também.

Nuno é um amigo daqueles que fala muito e não tem o necessário tento para não interagir com as outras pessoas que estão à volta. Vale-nos a sua extrema educação na abordagem que tem com as outras pessoas. Enquanto Nuno era assim, Filipe Vicente e Sara Vicente, amigos de infância que se casaram e que também ainda vivem em Sintra, eram mais ponderados e faziam o possível para o grupo não ficar mal.

– Temos de te cantar os parabéns!

Insistia Nuno. Eu tentava contrariar o ímpeto do meu amigo:

– Aqui, no Saudade?

– Porque não?

Foi nesse momento que Nuno se virou para a pessoa que estava nas minhas costas.

– Olá, boa tarde! Venha cantar os parabéns aqui ao nosso amigo. Ele é muito envergonhado.

Fiquei mesmo acanhado com a interpelação descarada de Nuno que nem Sara nem Filipe contrariaram. Foi quando me virei e vi uma jovem rapariga de sorriso aberto, a levantar-se e a pôr a cadeira dela junto à minha.

– Vamos cantar os parabéns. Confesso que tenho saudades de cantar os parabéns.

Eu fiquei alguns segundos preso no encantamento, sem saber o que dizer. O à-vontade dela era extraordinário. Mais tarde Sílvia confessar-me-ia que estivera ali desejosa de pertencer ao grupo de amigos que estava na mesa defronte à dela. Fora a honestidade que ela vira presente em mim e nos meus amigos em estarmos uns com os outros que a tinha feito ficar mais um pouco no Saudade; talvez também porque ela tinha saudade da sua casa, dos seus pais, de estar com os seus amigos, pois na faculdade ainda não estreitara grandes laços com ninguém.

– Estás a ver!

Exclamou Nuno, que continuou:

– Temos mesmo de cantar os parabéns. Não temos bolo, mas mandamos vir um daqueles scones gigantes e é só imaginar duas velas.

Cantaram-me os parabéns. No final, Sara deu-me dois beijos para me dar uma vez mais os parabéns. Logo de seguida, o seu marido deu-me um forte aperto de mão, gesto repetido por Nuno. Sílvia teve que me dar também dois beijinhos de parabéns. Quis abraçar aquela mulher: mulher que ainda era mistério na totalidade.

– Parabéns. Já agora: chamo-me Sílvia.

Apercebi-me de que Sara sorria para mim com condescendência pela fixação que mostrei ter pela mulher que acabara de conhecer. Corei um pouco. Nuno e Filipe já conversavam de outra coisa qualquer, nem se tinham apercebido do meu fascínio.

Quando disse a Sílvia que também tinha feito o curso que ela tirava, estreitámos a larga ponte que ainda nos separava. Apesar da diferença de idade, de tudo o que nos podia separar, ao anoitecer ainda

estávamos no Saudade, agora num dos mágicos cantinhos que aquele lugar tem e sem a companhia dos meus três amigos, que se tinham ido embora, talvez porque Sara tinha quase arrastado o marido e Nuno dali, ficando eu a conversar sozinho com a mulher que me extasiara.

No meu dia de anos, eu nascera para uma vida nova. Trinta e três anos para encontrar a mulher da minha vida. Não sei se foi muito tempo, pois há quem viva toda uma vida sem encontrar o amor e sem se despir dos preconceitos do seu egoísmo existencial. Apaixonado e desejoso de não ser eu, mas de viver para ela, vivi os dias mais felizes da minha vida... e fi-la também feliz.

A diferença de idade não foi um obstáculo para nós, pois não víamos o outro em função do tempo; era a alma do outro que nos encantava. Claro que os pais de Sílvia nos primeiros tempos desconfiaram da relação de amizade que inicialmente se estabelecera entre mim e a filha. Mas, antes de um beijo desejado, a amizade foi sendo estruturada de uma forma que não podia ser abalada com qualquer coisa. Passaram-se meses, o calor do verão iniciava o assalto aos dias ainda frios quando, no meio da serra, durante um passeio, os nossos corpos se encostaram para os lábios se libertarem da segura do anseio.

Um ano antes de terminar o curso, viajei até Tomar e fui pedir a mão de Sílvia, que passava uma temporada em casa dos pais. Um sim para a felicidade que ambos tínhamos então poder ser eterna. E a palavra morte não existia: ela unicamente tinha presença nas folhas caídas no outono, aquelas folhas que adorávamos pisar na nossa adorada vila.

Já trabalhava no jornal onde me encontro agora. A vida economicamente estava garantida, apesar das dificuldades que se adivinhavam para Sílvia arranjar um trabalho bom. Eu tinha, contudo, um ou dois contactos que nos poderiam ser úteis. Mas importava também era preparar o nosso casamento. Decidimo-nos casar no dia dois de Agosto do ano seguinte, dia em que Sílvia completaria os seus vinte e cinco anos de existência. Eu faria, dois meses depois, quarenta anos.

Ainda me lembro da forma como a idade começou a pesar-me na altura na alma, como se o tempo das coisas tivesse qualquer sentido. Ela ainda brincou comigo quando me ouviu pronunciar as seguintes palavras:

– Sinto-me velho.

Ela riu-se.

– Qualquer dia compro-te um andarilho!

E ria-se.

– Brinca, brinca...

– A vida não se conta pela idade do teu nascimento, mas em função do que tens para viver... E, se morreres, fico uma jovem viúva...

E ela ria-se enquanto me dizia tais quais.

Amei tanto Sílvia!

Mas, nos seus olhos cor de folha, encontrava serenidade e antevia um excerto do amor que ela tinha por mim. Parecia que nos conhecíamos há séculos e que o desejo de caminharmos juntos pelas colinas da vida era um sentimento intrínseco aos dois.

Tinha ela terminado de fazer vinte e quatro anos, tinha já terminado o curso, conseguira até um trabalho a tempo parcial, faltava um ano para o nosso casamento quando se deu a tragédia que mudou... a minha vida. Não digo a nossa, porque a dela terminou sem que ela talvez tivesse dado conta.

## VI

Depois de termos caminhado durante algum tempo pelas muralhas, eu e Sintra parámos na mais alta torre do castelo dos mouros. Estranhamente poucas pessoas vagueavam pelo castelo nesse dia e durante algum tempo ninguém passou pelo local onde nos encontrávamos, como se tivéssemos conquistado aquele lugar ao movimento constante de turistas.

A hora de almoço passava sem que nos apercebêssemos dela. Não sentia fome e, sem saber porquê, nem me preocupava com o facto de Sintra poder ter fome. Aliás, nem estava inquietado com a sua identidade e o que fazia ali sozinha. À noite, teria essas questões e outras. Mas naquele momento não me deixava embalar por questões fugazes para o instante.

– O céu está a ficar cheio de nuvens. Vai chover não tarda nada.

A minha preocupação era a tentativa gorada de adiar a narração do dia em que perdi Sílvia.

Sentados na muralha, eu e Sintra sentíamos o vento que se fazia mais intenso ali no alto. Estávamos perdidos no relógio do dia e eu sentia uma leveza que contrastava com as sensações de agonia e pânico súbito

dos dias antecedentes àquele. Foi, então, que contei como uma faca inesperada rasgou o feliz quadro da minha vida, estragando a ditosa pintura de algo que pensei perene.

Sílvia morreu feliz... Tínhamos escolhido viver na casa onde eu vivia. Era maior do que a dos pais dela. Depois de termos almoçado em Belém, na contemplação do rio Tejo, regressámos a Sintra para ela ir pegar a mala que deixara feita e regressar a Tomar no seu carro para passar uns dias com os pais. Uma semana depois, assim que se iniciassem as minhas férias, juntar-me-ia a ela.

- Vou ter tantas saudades tuas.
- E eu tuas, Sílvia.
- Vamos até à Peninha ver o mar.
- Depois não fica tarde para ti?
- É para as saudades não pesarem muito.

Anuí e fomos ver o mar, assim como o sol que já se estendia naquela parte da paisagem de Sintra. Vimos o mar, as casas ao longe, o cabo da Roca, vimos o infinito iluminado pelo sol majestoso e beijámo-nos ali como se o tempo não tivesse importância.

Ela partiu no entardecer e despedi-me dela sem conhecimento de que aquela despedida era feita num porto de barcos que partiam para nunca mais regressarem. E ainda hoje conservo a suave melancolia que os seus olhos tinham nesse dia, como se a sua alma pressentisse os acontecimentos futuros.

– Morreu num acidente automóvel que foi provocado por um condutor embriagado, mesmo quando estava a chegar a Tomar...

As reminiscências do dia fatídico abalaram-me: coloquei a cabeça sobre os braços e chorei.

O sol que surgira de manhã com eloquência no céu fora definitivamente ocultado pelas nuvens. E a chuva anunciava-se. As minhas lágrimas, que caíam no chão como salpicos pouco comuns naquele local, seriam pouco depois diluídas com os aguaceiros que acabariam por cair.

A menina Sintra, com simplicidade, disse-me e dessa forma consolou-me:

– Contaste-me o dia mais triste da tua vida. Agora conta-me o dia mais feliz da tua vida.

É verdade. As pessoas menosprezam as coisas boas da vida e não dão valor às que realmente importam. Aprendi isso com Sintra quando ela me interpelou com a questão anterior. E Sílvia era novamente o centro das minhas histórias.

Eu não tinha apenas um dia para afirmar como o mais feliz da minha vida. Eu tinha o dia em que conheci Sílvia, o dia em que a beijei, o dia em que nos amámos no silêncio de uma cama, o dia em que aceitou o meu pedido de casamento... Tantos dias felizes para contrapor a um dia trágico.

A chuva começou a cair lenta e dolentemente. E foi o sinal para sairmos dali. Quando a intensidade aumentou, começamos a correr para nos abrigarmos. Sem que eu desse conta, Sintra desaparecera... Regressei, então, ao silêncio da minha existência.

## VII

Sozinho, fui ao miradouro de santa Eufémia mesmo que a paisagem contemplada a partir de lá estivesse ocultada pelas nuvens e por forte neblina que cobriu Sintra nesse sábado: a ponte 25 de Abril, o rio Tejo, Lisboa, a Costa da Caparica, todos esses lugares ficariam escondidos. Mas a lembrança de Sílvia estava bem presente. Queria rememorar dias bons, momentos únicos e que são consolo para o resto da vida.

Fora ali naquele miradouro de Sintra que contemplara pela primeira vez as estrelas com Sílvia: a mulher que me encontrara na minha essência oculta. De facto, sempre desejara muito ser encontrado. Sempre caminhara por lugares solitários e quase sempre descansei nos momentos mais recônditos, quando as pessoas se encontram distantes desses lugares comuns. Por isso, quando fui encontrado, fiquei preso à alegria de ter sido cativado. Com Sílvia, passei a ser feliz, a viver sem medo das horas negras e sem medo do pânico que por vezes assola a tranquilidade do quotidiano.

– És difícil de encontrar...

Virei as costas e vi a menina que desaparecera há pouco.

Sorri e respondi:

– Isso não é verdade. Tu encontraste-me.

– Ou foste tu que me encontraste...

Talvez quisesse novamente ser encontrado.

Continuei:

– Talvez tenha sido eu a encontrar-te, apesar de eu ter muitas dúvidas quanto a tudo o que me tem acontecido... Ando perdido na vida.

Sintra estendeu-me o seu sorriso belo.

– O ser humano apenas se pode encontrar se andar perdido.

É verdade.

Naquele momento quis perguntar como é que ela me tinha encontrado ali. Mas logo me lembrei que era eu que a procurava, que a encontrava, mesmo que isto não fizesse qualquer sentido se analisasse tudo dentro da razão.

Sintra tinha aparecido ali para se despedir de mim convenientemente.

– Apenas para te despedires de mim?

Apenas para isso a menina tinha aparecido do nada. Com custo, convenci-a de que podia deixá-la nalgum lugar. Quis levá-la a casa. Sorriu com mistério. Pediu-me apenas para a deixar junto à fonte Mourisca. Lá fomos os dois no meu carro. Agora em silêncio. Sintra tinha o seu corpo virado para a janela do carro. Ia contemplando a paisagem como se nunca ali estivesse estado. Deixei-a no lugar pedido e ficou imóvel no passeio à espera que eu partisse.

Antes de eu arrancar, ainda me disse:

– Vamos ver as estrelas numa destas noite.

Apenas respondi:

– Claro que sim.

Ela certamente surgiria junto de mim para contemplarmos as estrelas quando menos esperasse. Por isso, não fiz questão de combinar dia e hora. Surgiu-me então a questão:

Será que ela sabia que eu fora ao miradouro de santa Eufémia porque nesse local vira pela primeira vez as estrelas com Sílvia? Fora por saber tal facto que me convidara a ver as estrelas?

Com Sintra aprendi mais tarde que as estrelas são memórias e que quem as contempla pressente a origem da alma. Aprenderia ainda que, quem nega a pressa do quotidiano para contemplar, num monte escuro, o brilho salpicado e tímido das estrelas no infinito da noite, vê mais além. E maior é a contemplação do céu estrelado quando estamos de mão dada à

pessoa que é única no meio de tantas outras pessoas... E eu tinha tanta saudade de ver mais além: de arrancar Sílvia do seu túmulo e viver o nosso amor para lá dos limites da vida que o destino lhe concedeu.

Assim que arranquei com o carro, apercebi-me de que um certo carro me seguia. Já o vira atrás de mim quando subira até ao miradouro. Podia ser impressão minha?

Quando estacionei o carro nas imediações da minha casa, senti-me seguido e o meu coração bateu forte... Quem me seguia e que motivo podia estar por trás da perseguição?

## VIII

Entrei em casa com passo veloz. Fechei a porta com força e tranquei-a. Espreitei pelo monóculo da porta e não vi ninguém do outro lado. Fui ver se as janelas estavam todas fechadas e baixe os estores.

Podia tudo derivar de uma impressão errónea. Mas, após uma reflexão dos factos, concluí que fora realmente seguido... Seria por causa da menina Sintra? Quem era ela?

A chuva voltou a assolar a vila. O vento forte ressurgira e rajadas de fúria batiam nos estores. Sentei-me no sofá da sala e tentei acalmar-me. Com o susto, a fome que devia ter, pois ainda não almoçara, ficara perspetivada num canto da relatividade. Porém, levantei-me e fui preparar qualquer coisa para ingerir, pois temia que a fome me pusesse incapaz de analisar os acontecimentos com o devido discernimento.

Esse dia passou e fiquei trancado em casa. Não mais levantei os estores e nem me deixei levar pela hipótese de que o céu ficaria estrelado nessa noite em Sintra. Pensei em ligar a Nuno e contar o sucedido. Mas a preocupação que poderia despertar no meu amigo faria com que ele aparecesse em minha casa e não queria ser incomodado por nada. Queria ficar na minha solidão existencial, no meu miradouro interior e não ser interpelado por questões às quais não queria responder.

Peguei no meu portátil e fui trabalhar na grande reportagem que tinha em mãos. O medo foi posto de parte e fui invadido pela presença do ser misterioso que conhecera no dia anterior. Por momentos, esqueci a dor que me abraçava nos últimos tempos e deixei-me levar pela leveza da efabulação...

Vi um céu estrelado como nunca vira e senti paz. Os temores pela incerteza, que pauta todas as existências, diluíram-se no mar da minha imaginação. A realidade foi posta de parte, na margem do meu desdém, e viajei: parti de dentro de mim e fui, sem destino e sem medo de estar só. Não tive medo de me desiludir, pois essa é a maior certeza quando se vive na ilusão... Aceitei a ilusão do momento e fui: ver estrelas, viajar sem ter destinos e cidades para visitar.

De mãos dadas com Sílvia, passeava. Estava tomado de absoluto e eternidade. Estava crente de que me casaria com a mulher que me encantara nos meus trinta e três anos e que teríamos vidas longas. Passeava pela minha vila de verde encanto e de edifícios maravilhosos. Visitava o palácio da Pena e Sílvia era a minha princesa; visitava a quinta da Regaleira e Sílvia era a minha iniciação; visitava o santuário da Peninha e Sílvia era o pôr-do-sol sem fim... Andava pelo meio da serra e os lugares eram todos eles mágicos e tomados de encantamentos que desvendávamos em conjunto...

A ilusão era grande e foi sem terminar o artigo que tinha de concluir até ao dia seguinte que adormeci. Adormeci e a ilusão tornou-se maior. Os meus sonhos estenderam-se para lá da minha mente e eu sentia-me como uma Alice num novo país de maravilhas. Mas o meu coelho apressado era uma mulher sem vida concreta e sem pressa.

Acordei sobressaltado e fiquei frustrado quando me apercebi de que tudo era sonho naquele instante. Por momentos, pareceu-me que a minha Alice tocava-me...

Acordei e não quis saber das horas. Bebi um café e voltei a trabalhar. O meu editor dera-me o dia anterior com a promessa de que terminaria a reportagem. Concluí o meu trabalho e a insónia tomou conta de mim. Fui ver fotos de Sílvia e sentia-me acompanhado. Por loucura, pensei que Sintra pudesse surgir do nada dentro da minha casa. Como seria bálsamo indescritível ter um ser tão simples e tão perfeito a acompanhar-me naquela noite de sábado.

O sono tardava em tomar-me e dobrar a minha consciência. Talvez porque o medo de saber-me seguido ter regressado, pois o mesmo saíra de dentro da gaveta do esquecimento onde o colocara anteriormente.

Finalmente adormeci. Entretivera a minha mente imaginando o local em que voltaria a ver a menina especial e na forma como ela surgiria. E não dei muito espaço aos mistérios que envolviam a existência

de Sintra. Apenas me entretive a imaginar possibilidades para o nosso reencontro.

O dia seguinte surgiu e saí de casa bem cedo. A chuva voltara a tomar conta da paisagem sintrense. Entrei na Periquita e fui tomar o pequeno-almoço. Com rapidez, com guarda-chuva na mão, fui para a fonte Mourisca, situada no largo da estrada que liga o centro da vila de Sintra à estação de comboios. Aí me abriguei e esperei ser visitado repentinamente pelo ser misterioso. Mas logo me esqueci de Sintra quando vi passar, vagorosamente, o carro que me seguira anteriormente. E tentei vislumbrar o rosto do condutor. Fiquei assustado e esqueci a menina Sintra.

## IX

Não vi Sintra nesse domingo nem nos dias que se seguiram.

Certo de que era seguido, sem saber porquê e por quem, fui ter com Nuno nesse dia. Morava em Cascais o fala-barato do meu amigo. Deixei a minha terra e fui ter com ele ainda de manhã. Como era um solteirão não tive que me preocupar com a hora e com o facto de não ter combinado com a devida antecedência a minha ida à casa dele.

Contei-lhe o sucedido sem nunca abordar a existência de Sintra. Temi algum julgamento precipitado e temi que tudo pudesse ser, em parte, construção da minha imaginação.

– Fizeste alguma coisa que não devias?

Perguntou-me Nuno. Estávamos os sentados na sua sala de formas simples e claras a tomar um café.

– Não fiz nada.

– Desculpa o que te vou dizer: mas talvez seja alguma investigação relacionada com a morte de Sílvia.

– Isso é um absurdo!

Exclamei. Mas a vida é feita de tantos absurdos.

– Vai à polícia então.

Acabei por almoçar em casa dele e voltei para Sintra. A chuva parara e fui esperar a aparição da menina Sintra junto aos degraus do palácio da Vila, pois fora aí que a vira pela primeira vez. Esperei e desesperei, sempre desconfiado de todo o movimento à minha volta.

Estava mais ou menos tranquilo naquele lugar por causa do bulício constante de turistas e outros transeuntes ao meu redor.

Farto de esperar fui para casa e telefonei ao meu irmão. Conteí-lhe o sucedido e o mesmo ficou de passar em minha casa ainda nesse dia. Queria conversar melhor e ver-me. Tive que aceitar a sua visita, pois a sua insistência dessa vez não conseguiria certamente contrariar.

Cansado, deitei-me no sofá. Na sala, dormi e sonhei. Sonhei com Sintra, que dessa vez não me surpreendera. Sonhei com ela. Tínhamo-nos encontrado na quinta de Monserrate. Junto à falsa capela velha, conversávamos. Por momentos, o nosso diálogo suspendeu-se e os meus olhos ficaram fixados num pai que brincava com duas crianças. A alegria do momento aliado a um enorme enternecimento que o pai tinha por aquelas duas crianças, certamente filhas dele, colou-me no rosto um sorriso sincero.

– Tens filhos?

Perguntou-me de rompante Sintra. E apenas podia ser um sonho, pois a menina já sabia da minha história. Mas era sonho e o meu subconsciente tratava de criar a história.

– Não tenho.

– Mas devias ter.

– Não tenho nem quero ter agora.

– Sorririas muitas vezes como sorris agora.

Sem grandes reflexões, disse:

– Tu podias ser minha filha.

Fiquei corado com o que eu disse. Mas Sintra reagiu como se eu tivesse dito algo banal.

– E é como se eu fosse: amo-te como filha e tenho desejado a tua companhia e a tua proteção. És o meu pai, pois nem sei quem é o meu. Mas não poderei ser tua filha como qualquer outra criança do planeta.

Sentia, no sonho, aquela ternurenta e pequena mulher como meu pertence. Mas este sentimento nem se coadunava com a natureza dela. Ninguém no essencial é de ninguém até a alma tocar-se e fundir-se numa outra.

Mas o sonho foi abruptamente interrompido pela campainha da minha casa.

O meu irmão! Tinha de ter paciência para o receber e aceitar toda a sua preocupação, principalmente após ter-lhe contado sobre a perseguição que sentia estar a sofrer. “Ai, João!” Teria de ter paciência para ele e não me esquecer de que ele era um bom irmão.

Levantei-me do sofá, esfreguei os olhos e, com andar ainda meio trêpego por ter sido desperto do meu sonho com o toque estridente da campainha, fui abrir a porta.

Destranquei a porta e abri-a num ápice. Fiquei imóvel quando vi que do outro lado estava o meu perseguidor. Fiquei sem reação e sem saber o que fazer e dizer... Talvez me matasse... e, assim, juntar-me-ia a Sílvia.

## X

Não foi o meu irmão quem tocara à campainha da minha porta, mas sim o meu perseguidor. Não tive dúvidas quando olhei para o largo rosto do homem que estava diante mim com uma frivolidade impressionante.

Os três ou quatro segundos de silêncio assumiram um período de tempo muito maior. A incapacidade de eu reagir acabou por fazer com que o visitante inesperado falasse:

– Boa tarde. Sou da Polícia Judiciária e preciso colocar-lhe algumas questões.

O homem mostrou-me a respetiva identificação. Não fiquei com dúvidas.

– Hoje é domingo.

Falei como que protestando perante o facto de estar a ser incomodado num dia tão ilógico para investigações.

– Qualquer dia é bom para investigar o desaparecimento de alguém.

Tremi. Será que Sintra era mesmo uma jovem fugitiva e que eu podia estar, como se diz, em maus lençóis?

Convidei o inspetor a entrar. Era um homem atarracado, tentando disfarçar a altura baixa e o seu porte forte com roupas simples e largas, cobertas por um casaco que lhe dava aquele ar de inspetor. Conduzi-o até à sala e convidei-o a sentar-se no sofá individual. Ofereci um café, que

aceitou sem grande cerimónia. Também sentado, pude finalmente saber porque é que eu era alvo de investigação.

– Estou em busca de uma menina desaparecida.

Estremeci novamente.

O inspetor continuou:

– Já o sigo desde sexta-feira... Sabe alguma coisa sobre uma menina chamada Mariana Pedralva?

Silabaria a minha resposta se esta não tivesse sido apenas:

– Não.

Será que Sintra era essa menina? O inspetor já não me teria visto a conversar com a enigmática miúda?

Ganhei coragem e perguntei:

– Mas sou... suspeito... e suspeito do quê?

– A Mariana foi vista pela última vez à porta da sua casa...

Sintra ou Mariana, por momentos, não soube como tratar a minha enigmática amiga; ela nunca estivera perto do local onde eu morava – que eu soubesse.

Mariana Pedralva tinha desaparecido no domingo passado: fazia uma semana nesse dia. Tinha estado a almoçar com os pais num restaurante situado nas proximidades do palácio da Vila, depois tinham ido dar uma volta. No regresso, perderam de vista a filha por momentos. Alguns transeuntes confirmaram ter visto a menina descrita encostada à porta do prédio onde moro.

Sendo seguido desde sexta, não teria já o carrancudo inspetor me visto na companhia de Sintra?... Receei abordar a existência de Sintra. Receei as consequências de tal revelação. Mas, principalmente, não quis partilhar a magia e toda a estranheza que principiava com essa própria magia. Quis guardar a beleza dos lugares, dos encontros e das palavras que edificaram os nossos diálogos. Não quis também supor que algum sujeito estranho pudesse desvalorizar o que eu vivenciara nos últimos dias. Sintra era a minha menina, a minha mulher enigmática. E o temor de que pudesse ser Sintra a menina desaparecida era inexistente diante o egoísmo de querer guardar os meus misteriosos encontros com ela.

Foi, todavia, com a descrição de Mariana por parte do inspetor que fiquei efetivamente inquieto. Seria Sintra a menina descrita? Existiam semelhanças; ou queria por todos os meios não reconhecer as evidências?

– Não tem uma fotografia da menina desaparecida?

Perguntei temeroso, sem grande segurança.

– Mas precisa de uma fotografia para quê?

Balbuciei:

– Não sei... Para ter a certeza de que nunca vi tal menina.

– Disse-me que não tinha visto nenhuma criança sozinha nas imediações da sua casa... Hei de posteriormente mostrar-lhe uma foto da menina desaparecida... Os pais estão desesperados.

Não sei porque o inspetor acrescentou aquela última informação. Realmente, apenas veria uma fotografia de Mariana depois de receber as notícias finais sobre o seu desaparecimento e não seria pelas mãos do inspetor.

O inspetor despediu-se de mim e entregou-me um cartão com os seus contactos enquanto se levantava. Despedi-me dele ainda sem saber se procedera da melhor forma quanto à existência de Sintra. Talvez com a ocultação da menina sem identidade certa pudesse advir problemas. Paralelamente a isso, a possibilidade de Mariana e Sintra serem a mesma pessoa estava presente no meu pensamento.

Quando ia a fechar a porta do meu apartamento, tocaram à campainha. Agora, sim, seria o meu irmão, que acabaria por se cruzar com o inspetor nas escadas. João ainda brincou comigo quando contei o sucedido.

– Afinal o teu perseguidor é apenas um inspetor... Que crimes cometeste?

E ria-se.

Tive vontade de lhe falar da menina Sintra. Tive vontade de contar os factos estranhos associados àquela menina. Optei por guardar os acontecimentos para mim, pois João certamente não entenderia nada e relativizaria tudo. Talvez ainda tudo fosse consequência dos meus delírios... “Mas tu, Sintra, existes, mesmo que tenhas outro nome (Mariana?). Tu existes, Sintra.” Nos dias seguintes, colocaria em causa a existência dela.

Deitei-me logo depois de o meu irmão se ter ido embora; e demorou-se! Apesar de o amar e de o ter como o melhor irmão do mundo, o desejo de querer estar só era enorme. Ele surgira como um monstro difícil de convencer e de ultrapassar. Muito insisti com ele para que fosse para casa, para junto da família, aproveitar o tempo com os que eram parte constante do seu quotidiano. Ele tinha sempre tão pouco tempo para a mulher e filhos. Estava cada vez mais distante deles e agora desperdiçava tempo comigo, com o irmão que apenas queria estar isolado, imóvel no mutismo dessa noite.

João construía pontes de ferro e betão e não conseguia unir-se àqueles que estavam mais próximos. Certo é que a proximidade não se mede por nenhuma medida nem pela distância de metros contados e concretos, mas exclusivamente pela proximidade do coração. E eu estava tão próximo de Sílvia pela saudade... Saudade: que é sentir falta de quem é ou foi a nossa felicidade. E a minha saudade estendia-se até às estrelas se ela fosse visível pelo olhar.

Nessa noite de domingo, a saudade por Sílvia foi insuportável. Apesar de conhecer bem essa insuportabilidade, sofri do mesmo modo. Quis tanto tê-la, apertá-la nos meus braços, beijá-la... Quis tanto sentir o calor dela e adormecer com a paz que é ter junto a nós quem se ama, sem perguntas e sem respostas, sem tempo e sem medos...

## XI

O luto é uma obsessão em quase todas as pessoas. Sempre aferi esse estado como um sentimento exacerbado por parte dos que o vivem. Por isso, a minha opção diante a morte foi não aferir a totalidade da realidade que ela contém. Talvez essa escolha se firme na noção de que o luto nos remete para a consciência da perda, que se veste de escuridão e que nos prende a uma tristeza indefinida.

A vida é uma sucessão de acontecimentos alegres e tristes, intervalos por vezes sem qualquer consistência ou lógica. Os primeiros acontecimentos são celebrados com sorrisos e, natural e inadvertidamente, guardados com ouro na arca das nossas lembranças. Os segundos, por sua vez, são, e sempre que possível, deixados na foz do nosso esquecimento interior. Contudo, a tristeza torna-se de tal modo enorme que é colocada na arca das nossas lembranças quotidianas, corroendo o ouro das alegrias que lá colocamos.

Com a morte de Sílvia, a obscuridade domina o meu espírito. A recordação das alegrias mais perfeitas quase não consegue brilhar na constância dos dias. Os sentimentos de solidão e de perda agitam-me com ondas revoltas num dia de inverno e a perturbação é maior pelo despeito que tenho contra o destino.

Foi a menina Sintra que fez com que os meus dias passassem a ser amainados por ténue luz. Os últimos três dias foram maravilhosos, mesmo que entrecortados por sentimentos negros. O surgimento inesperado de Sintra, mesmo que inexplicável sob diversos aspetos, trouxe um halo de frescura ao meu espírito, que pôde finalmente lutar contra a depressão da tragédia que afetara de forma terrífica a minha vida.

Porém, o início da semana iniciou-se com o desaparecimento de Sintra. Sem saber como e porquê, deixei de ser surpreendido, visitado por ela. Porquê?...

Regressei segunda-feira ao meu trabalho na expectativa de ver Sintra no final do dia. Trabalhei inclusive com o afoito que tinha antes do falecimento de Sílvia. A inconsciente ideia de que seria visitado por Sintra no final do dia dera-me ânimo como há muito não tinha. Mas, depois de ter saído de Lisboa, ter feito toda a IC19 em direção à minha vila e de ter percorrido os lugares onde julgaria poder ser surpreendido, como a fonte Mourisca, o café saudade, apercebi-me de que não podia ser surpreendido apenas porque tal queria...

Segunda passou sem que a visse. Terça, quarta, quinta e sexta sucederam-se da mesma forma. Não tive a visita de Sintra e a melancolia mais negra e profunda voltou a tomar conta do meu coração.

Com a passagem das horas, deixei de me preocupar com o inspetor. Deixei de olhar para todos os lados à espera de encontrar um olhar especado em mim. Deixei de me preocupar aos poucos com a possibilidade de que poderia estar a ser seguido a todo o instante e com a possibilidade de poder ser cúmplice, mesmo que indiretamente, do desaparecimento da menina chamada Mariana.

A saudade comprimia-me a alma. Saudade por Sílvia, pelo amor que a existência dela, terrivelmente efémera, possuía; saudade por Sintra, pelo mistério que a sua existência incerta continha... Saudade! E o consolo tornava-se inexistente na minha vida.

Com dificuldades, passei a cumprir as minhas obrigações laborais. O meu chefe tinha presente o condicionamento na minha vida provocado

pela tragédia que sorvera Sílvia. Era essa consciência que fizera com que ele se tivesse tornado mais tolerante para comigo. Fiquei grato por isso.

Este sentimento de gratidão, que me assolou o espírito, espalhou-se por outras pessoas: por aqueles amigos que sempre estiveram comigo, principalmente naqueles momentos mais difíceis: Nuno, Filipe, Sara... E a minha gratidão ainda se torna maior quando penso no meu irmão. A mesma permanece forte quando nomeio os pais de Sílvia, que antes de o casamento ser marcado já me tinham e tratavam honestamente como filho. Não posso deixar de lembrar a D. Isilda, a minha vizinha, que sempre me dava um prato de sopa quente quando se apercebia de que não cozinhava e que não me alimentava devidamente... A verdadeira caridade é dar sem esperar nada em troca. Essa é a verdadeira doação.

Estou grato por tudo o que me foi feito e talvez morra sem agradecer pessoalmente a todos os que me ajudaram. Mas a gratidão não precisa de ser expressa. Quando o bem é feito de coração, quando é feita de cor a ação, não é necessário que quem recebe esse bem agradeça ao benevolente.

Colocando os aditamentos filosóficos de parte, regresso ao desaparecimento de Sintra. Ao fazer uma semana que conheci a menina misteriosa, fui novamente assolado pela vontade de morrer... Mas este direito não era meu. Podia eu tornar-me deus e terminar de vez com o latejar do meu coração?

O bálsamo da minha alma desaparecera. A inocência consoladora de Sintra não mais estava presente na minha vida... O que é que lhe acontecera?

No final dessa semana, procurei refúgio nas memórias mais felizes que eu tinha. Mas as mesmas não se acenderam como fogo que aquece e sossega o corpo num dia frio de inverno. Não atendi o telefone ao meu irmão nesse dia. Fugi dele e decidi fugir de todos. Isolar-me-ia e não deixaria ninguém perturbar a minha solidão.

De sexta para sábado, a insónia tomou-me grande parte da noite. Os sonhos foram confusos e eu perdi-me nos meus abismos internos.

Quando despertei sábado, um cansaço indefinido perturbava-me e incomodava-me os sentidos. Sonhos apocalípticos tinham povoado o meu inconsciente ao longo das horas noturnas. Mas não procurei entendê-los: não tive o habitual impulso para os desvendar e procurar as memórias ou pensamentos que os tinham provocado. Aceitei-os dessa vez e não os interroguei.

Apenas o impulso de ir caminhar pôde serenar o meu espírito ansioso. Lembrei-me dos meus passeios com Sílvia e desejei ir até à praia da Ursa, uma das mais belas praias do mundo e que se esconde nas costas de Sintra, nas proximidades no ponto mais ocidental da Europa, o cabo da Roca.

A primeira vez que lá fui tive a companhia de Sílvia. Há anos que andava para ir até essa praia de difícil acesso. Mas foi apenas depois de ter conhecido Sílvia que tal se proporcionou.

Eu e ela descemos a encosta escarpada e acedemos a um lugar resguardado das multidões. Era primavera quando lá fomos. Tirando um ou outro caminheiro, não vimos ninguém. Já na praia, andámos sós, passeámos como príncipes de um momento sublime. E, junto ao mar, sentados na areia, vimos o sol começar a cair no infinito. Com essa luz que se preparava para se extinguir nesse dia, beijámo-nos pela primeira vez. Um beijo de amor gravado na paisagem da nossa infinidade e plasmado pelas estrelas que apareceriam no céu na noite desse dia.

Eu já era todo dela, eu já era o homem cativo e fiel para ser eternamente feliz junto àquela que eu queria amar para sempre, como se ela fosse princesa da minha alma, princesa do meu desejo de felicidade, do meu destino. Eu já era todo dela.

Nesse sábado, sem noção do tempo que poderia fazer ou que faria nesse dia, conduzi o meu carro, atravessando a serra e dirigindo-me para a zona da Azóia. Assim que vi a placa a indicar Ursa, virei e logo estacionei. O resto do caminho até à praia faria a pé. Mas quando ia começar a andar, um outro carro estacionou ao lado do meu. Talvez não conseguisse cumprir o meu propósito mais íntimo: de caminhar pela praia de mão dada com o amor, com a saudade, com as memórias felizes que eu acalentava com ternura dentro de mim.

– Bom dia.

Disse e fiquei em silêncio ante a pessoa que saía do veículo estacionado junto ao meu.

A qualquer momento, podia começar a chover. Não escolhera um bom dia para ir até à Ursa.

## XII

– Não leve a mal por aparecer assim... Venho pedir-lhe desculpa...

Nesse dia, apresentara-se diante mim com humildade. O ar carrancudo que tivera da primeira vez que o vira desaparecera. Ficaria sem saber qual era o seu aspeto habitual. Apesar da minha desconfiança, nesse sábado de céu cinzento, aquele homem estava com olhar simples e de certo modo vago.

– O inspetor vem pedir-me desculpa?

Interpelei-o com ar de admiração.

– Sim. Peço-lhe desculpa, desculpa por o ter tornado suspeito de um caso sem ter nenhum indício.

O meu perseguidor, que me atemorizara quando começara a perseguir-me, era tão-somente um homem motivado pelo intuito de conhecer a verdade que se relacionava com o trágico desaparecimento de uma menina chamada Mariana. Aquele homem, tocado pela história, procurara desvendar o misterioso desaparecimento. Queria a todo o custo devolver a única filha de um casal desgostoso, pois também ele um dia tivera mulher e uma filha, e também ele um dia perdera filha e, por consequência, a mulher.

– A menina apareceu ontem... morta...

Disse com dificuldade.

Aquele homem, que eu definira inicialmente como distante e frívolo, mostrava-se comovido e frágil.

– Morreu?!

A pergunta que não carecia de resposta era a expressão do meu choque. Não existia retórica possível para responder à questão. Paralelamente ao choque, a dúvida se Mariana podia ser Sintra tomara outra grandeza. Se fossem a mesma pessoa, eu seria responsável, em larga medida, pela sua morte, pois ocultara o contacto que tivera com ela e nunca denunciara factos que podiam ter evitado o desfecho.

De que modo podia saber se Sintra era Mariana? A fotografia que anteriormente quisera ver para saber se a identidade da minha menina correspondia à da menina desaparecida seria apenas vista no dia do funeral desta última. Não podia pedir para ver uma fotografia naquele instante. Como justificaria o meu interesse?

A ansiedade apertou-me o peito. O sangue latejava em mim com maior descontrolo e inconstância. As dúvidas sufocavam-me e queria ter

resposta para todas as minhas dúvidas... Podia Sintra ter sido arrancada da minha vida também de forma abrupta e trágica como Sílvia?

Ali estava eu quase a iniciar uma caminhada até à praia da Ursa e a vontade espalhou-se. O céu também estava carregado e a qualquer momento as nuvens descarregariam a sua alma. O dia escolhido não fora o ideal para o que me propunha realizar. Mas as escolhas, no estado em que me encontrava, eram feitas sem as analisar devidamente.

Em pé, relativizando o desconforto da situação, talvez porque escutava o murmúrio do mar que se embatia na encosta próxima, dialogava com o inspetor despido do meu eu. Não me sentia ofendido pela perseguição que sofrera. Além disso, não podia interagir com aquele homem como se ele ainda me procurasse caçar. Procurei sentir quem estava diante mim e entender as motivações que estavam por detrás dos seus atos. Tivesse eu a simplicidade de abrir o meu coração e teria contado os meus medos, principalmente o maior do momento: ser Mariana a minha menina.

A conversa acabou abruptamente quando a chuva começou a cair súbita e furiosamente. Também já estava tudo conversado no essencial. Apenas nos alongávamos na lamúria que enchia as nossas duas almas. A ida até à praia ficaria para outro dia. Contudo, apesar de não ter descido a encosta até ao lugar fabuloso que existia no fim, regressei a minha casa com o primeiro beijo dado a Sílvia como se não fosse somente memória já distante. Sentia esse beijo como dado ontem, sentia-me beijado. A paz envolvia-me momentaneamente e encostava, por momentos, o desassossego na berma do meu desprezo.

O regresso a casa foi feito sob a companhia de chuva intensa. Conduzi, calma e vagarosamente até ao centro da vila de Sintra, com os limpa-para-brisas em movimento constante. Estacionei o carro nas proximidades da minha casa e não me preocupei em fugir da chuva. Sem guarda-chuva, deixei-me tomar pela chuva e, pudesse eu por loucura indefinida, ficaria no meio da rua.

Abri a porta do prédio e deparei-me com a simpática e atenciosa D. Isilda.

Logo me disse:

– Não pode andar à chuva! Vai constipar-se. Vá já tomar um banho. Daqui a pouco leve-lhe o almoço.

Exprimi toda a minha gratidão num sorriso algo tímido. Senti-me apanhado como criança que andou à chuva. Subi depois até ao meu andar e fui, como menino bem comportado, tomar banho.

“Sintra seria Mariana?”

O meu pensamento tornara-se obsessivo com a questão. Lembrei-me então de que não sabia nada nada sobre o funeral da desditosa Mariana. Assim, depois de o banho ter sido tranquilamente tomado, telefonei ao inspetor. Foi a última vez que falei com ele. No dia seguinte, procurei vê-lo entre a multidão no funeral da pequena Mariana. Nem sinal dele. Mas antes de o procurar, procurei uma fotografia de Mariana. Ao entrar na casa mortuária, soube que a minha dúvida ficaria esclarecida. Receosamente, olhei para a fotografia de Mariana, que se encontrava exposta no local. A dúvida era queimada como folha.

### XIII

O funeral de Mariana cumpriu-se apesar da enorme tristeza que rodeou o último adeus nesse dia. A criança foi enterrada e os pais daquela menina nunca mais voltaram a ter a alegria tida anteriormente.

Eu acompanhei todas as exéquias com a dúvida resolvida. Ter sabido que Mariana não era Sintra não me trouxe paz totalmente. A tragédia da outra menina, que nunca conhecera em vida, acrescentara maior angústia ao desaparecimento de Sintra. Por isso, chorei por Mariana como se a vida frágil desta menina tivesse tocado a minha. Chorei e não me envergonhei de ter amparado outras pessoas nesse momento final: em que o corpo desce à terra e muitos sonhos se desfazem...

E se Sintra fosse puramente sonho? E se Sintra fosse construção da minha mente atribulada pela dor e pela incapacidade de aceitar a morte da minha noiva? E se Sintra não existisse num corpo? E se Sintra fosse um ideal que eu procurava acalentar por necessidade de consolo?...

A menina misteriosa podia ser somente sonho. Não negaria, contudo, o sonho e não procuraria eliminá-lo da minha paisagem mental. Sei que as vidas mais felizes são feitas de efabulação. Sei hoje que os maiores amigos partilham ideias fantasiosas como se fossem a maior realidade no comum das suas brincadeiras. Nunca vi nenhum casal ser realmente feliz sem ter um sonho, uma construção alegórica, um gesto de fantasia. Não creio nos racionalistas puros. Sempre acreditei na metafísica existencial: que os acontecimentos do quotidiano são muitas vezes definidos com certezas que superam a materialidade.

Talvez este meu discurso seja a necessidade intrínseca de eu defender Sintra: a sua existência. Mas não foi esta defesa que fez com que ela surgisse do nada depois de o enterro de Mariana se ter realizado. Novos dias sucederam-se e não houve sinais da minha menina, talvez mulher. O mês de outubro passou e a nebulosidade deslumbrante de novembro surgiu sem que eu reencontrasse aquela menina.

O outono trazia a queda das folhas e trazia frio consigo. Sintra estava povoada pela constante neblina do final de tarde. A humidade começava a fixar-se nas paredes e a minha vila ganhava contornos fabulosos com a passagem dos dias. Mas eu permanecia indiferente às mudanças. A minha obsessão era a menina: ela tinha de existir.

O meu irmão João começou a considerar o meu comportamento algo instável. Chegou mesmo a referir-me a importância de eu procurar um psicólogo. Ri-me na cara dele e disse-lhe que ele devia preocupar-se mais com a mulher e os filhos. Ficou uns dias sem me ligar e isso deu-me algum descanso. O desejo de isolamento recrudescia em mim. Colocara a constante presença dos meus amigos de lado e esse isolamento quase me consumia de desespero. Hoje sei que nunca devia ter tido tal atitude. E foi Sintra quem me salvou do desespero isolado em que me remetera absurdamente.

Chovera toda a manhã no dia em que Sintra ressurgiu como anjo. O céu cinzento, no início da tarde do último sábado de novembro, fora rasgado por alguns raios solares. E o sol pôde espelhar-se na minha amada serra de Sintra. Decidi ir tomar um café à quinta da Regaleira e depois de o mesmo ter sido sorvido, senti um impulso para visitar a quinta, já tantas vezes por mim percorrida. Talvez fosse o desejo de trilhar caminhos que eu e Sílvia, apaixonados, já havíamos cumprido quando ela ainda era movida pelo sopro da vida e vivíamos a iniciação do amor.

A quinta da Regaleira, onde existia um fabuloso palácio de símbolos maçónicos e templários e outras construções com motivos iniciáticos, era visitada por pouca gente nesse dia. Por isso, podia mover-me pela quinta e pelos seus locais fantásticos sem sentir o incómodo de estar rodeado de gente. Podia estar ali e sentir-me só.

A capela foi o primeiro lugar que revi. As cruces da ordem do Templo e da ordem de Cristo sempre foram para mim uma fixação; e ali, naquela capela erigida com misticismo, tomavam um brilho único. Ficara sozinho entretanto, pois tinha saído do seu interior, momentos antes, um casal de ingleses idosos, e senti-me perto da necessidade de orar. Por conseguinte, senti-me tocado por Deus e acreditei que Ele existia. E hoje

sei que até orei: que senti os meus desejos mais puros e íntimos como oração.

Saindo da capela, procurei o caminho que me levaria até à torre da Regaleira. Era um dos locais que mais apreciava na quinta. Antes de lá chegar, vi o recanto onde certa vez, por desejo incontrollável, eu e Sílvia concretizámos o nosso amor. Sorri de saudade e quis sentir o corpo dela nesse instante.

Chegado à torre, subi-a e mirei o redor. Os meus olhos viam a paisagem verdejante sem grande expectativa. Essa inoperância da esperança era sintoma da minha descrença. Mas, súbita e velozmente, os meus olhos fixaram um vulto. Parecia ser Sintra, a menina Saudade (também podia chamá-la desse modo). Mas os meus olhos cansados logo viram que tudo fora impressão de um desejo íntimo, fixo ao querer rever a menina desaparecida há tanto tempo. E diria que esse tempo quase me espezinhava.

De seguida, procurei caminho para ir até ao topo da quinta e encontrar a entrada velada do poço iniciático. O poço, escavado na rocha e que nos levava até às entranhas escuras e simbólicas da terra, era uma construção assombrosa, mesmo para o comum dos mortais incapazes de entender a filosofia que estava por detrás de tudo. Eu queria entrar no negrume do poço, como se o negrume do poço fosse a extensão do negrume que me contornava a alma e pudesse eu ter a luz desejada depois de o descer e de ter encontrado a saída para o meu renascimento.

A humidade do local era significativa. Os degraus do poço estavam cobertos de água e quase tombei depois de ter escorregado. Ri sozinho. Sílvia ter-se-ia rido bastante de mim se estivesse comigo. E lembrei-me do sorriso único que ela tinha.

Desci as escadas do poço e por vezes um ou outro gotejar acertava-me. Ia entrando cada vez mais dentro da terra. Aquele local era assombroso e permitia que cada um se encontrasse com o seu íntimo. A escuridão era enorme. Mas eu não a temia nem me sentia perturbado por ela. Eu já me habituara à presença dela nos últimos tempos.

Esse último sábado de novembro apoderara-se de mim como se fosse alguma entidade do outro mundo, como se fosse alguém com consciência e vontade própria. Esse último sábado conduziu-me até ali e eu estava ante ele liberto do meu ego. Com o passar do tempo, sentia que me ia libertando dos grilhões que prendem tantas pessoas. Estava cada vez mais livre e indiferente ao materialismo deste mundo. Não desistira de

viver, mas sentia que a vida tinha maior significado na capacidade de estar solto e não viver em função dos compromissos sociais e das prisões materiais com que o dito mundo moderno se rege.

Quando desci o poço iniciático, coloquei-me mesmo no centro e fechei os olhos. Deixei-me envolver pela real escuridão do lugar e a escuridão da minha alma pôde ter mãe naquele lugar. Fiquei imóvel alguns momentos, sentindo o bater do meu coração e sentindo a clareza dos meus abismos interiores a revolverem-se.

Segui caminho e ia rasgando o negrume daquele lugar com passo firme e tranquilo. Escutava a água e sentia-me a ser puxado para a luz, como se ainda pudesse ser surpreendido, eu que tantas vezes descera aquele poço e atravessara o interior da terra.

Finalmente cheguei ao lago das Cascatas. Olhei em frente e a luz ofuscou-me os olhos. À minha espera, estava... não podia ser... Sílvia?!

#### XIV

A luz ofuscara-me os olhos depois de ter saído abruptamente da escuridão. Não era Sílvia... Confundira a minha falecida noiva com a menina Sintra!

Fiquei incrédulo momentaneamente. Passado esse momento de dúvida, estremei de felicidade e, por momentos, esse estremeamento estendeu-se num frenesim que considerei ser o de um louco. A alegria de rever a desaparecida menina era indescritível.

Chegando junto a Sintra, fiquei queto, contemplando a serenidade e o sorriso da minha menina de maravilhas secretas. Foi ela que me abraçou e me disse:

– Estava com saudades.

A inocência dela, talvez objetivamente indícios da minha loucura, envolvia-me por completo. As palavras não me saíam. Foi ela que falou novamente:

– Vamos sair daqui, procurar um lugar para conversar.

Foi no extremo da quinta da Regaleira, sentados no banco do Leão, que voltei a conversar com a menina desaparecida.

– Porque é que desapareceste?

Perguntei finalmente.

– Quando somos amados nunca desaparecemos. Às vezes, estamos apenas ocultos, esperando ser redescobertos.

As palavras dela não eram de uma menina...

Apercebi-me então que amava tanto aquela menina, não como amava Sílvia certamente. Amava-a como amava os meus amigos Nuno, Filipe e Sara; e tinha por ela um afeto especial pelas suas características únicas. Sintra não podia ser deste mundo.

– Pensei que tu...

E não fui capaz de dizer o resto. Lembrei-me de que estava diante de um ser que antevia agora angelical. Não podia falar-lhe da morte, mesmo que esta fosse tão certa como tanta outra coisa da vida.

– Que eu fosse Mariana.

– Sim, Mariana.

Como podia ela conhecer Mariana?

– Brinquei com ela um dia antes de morrer.

Estranhei as palavras ditas por Sintra.

– Brincaste?!

– Brinquei porque sabia que ela ia morrer.

Fiquei atónito com a afirmação. Mas não disse nada. Foi ela que continuou:

– Por que razão as pessoas não são eternas junto daquelas que amam?

Perguntou-me Sintra como se soubesse ao mesmo tempo a resposta.

– Não sei. E tu já perdeste alguém?

– De onde venho, tudo é eterno. Se há separação, ela é nada no tempo. Mas, apesar desta certeza, sinto falta de algo, tenho um enorme vazio, um vazio que não entendo; e por isso te procurei, como se a resposta brilhasse em ti.

“De onde vinhas tu?”

Um vento começou a soprar e remexer com brandura o arvoredado e a vegetação. De repente, uma rajada fez com que o longo cabelo de Sintra me tocasse no rosto. Senti entrar dentro de mim um calor vivificante e

logo ficou em mim a pergunta: porque tinha Sintra as pontas do cabelo alouradas? A simplicidade da alma não se coadunava com aquele pormenor de ritual humano. Decidira ela ser um pouco... terrestre?

Não sei se ela era de um mundo diferente do meu. Até então, principalmente com o cansaço, pensava que tudo poderia ser construção de possível alienação, algum modo de eu enfrentar a dor originada pela morte da minha Sílvia.

Quis que o cabelo dela novamente me tocasse, que o meu rosto fosse fustigado pelo seu cabelo, que a magia da sua existência pudesse marcar-me. Quis sentir-me fisicamente agraciado pelo encanto que fora o seu reaparecimento naquele último sábado do mês de novembro.

– Vamos logo ver as estrelas.

– Não sei se conseguiremos ver estrelas com o céu que temos.

Disse eu. Mas ela insistiu:

– Vamos logo ver as estrelas. Encontramo-nos junto à igreja de S. Pedro. Gosto de ir lá rezar.

Por momentos, situei a existência de Sintra como concreta.

– A que horas?

– Às nove horas.

Não coloquei estranheza no facto de uma criança poder estar sozinha na rua àquela hora. Mas também não sabia ao certo se era mesmo uma criança que estava diante mim. Aceitava tudo. E a aceitação talvez fosse absurda, porque considerava mesmo que não veríamos estrelas essa noite. Mas a felicidade, por vezes, começa por crer no que não é possível à partida.

– Tenho de ir...

Disse Sintra.

– Já?

– Sim. E façamos uma promessa.

– Uma promessa?!

– Fica certo de que nos encontraremos todos os domingos às quinze horas. Na fonte Mourisca. Mas promete-me o seguinte: vais dedicar-te aos teus amigos no restante tempo.

Na altura não entendi a intenção que estava por detrás daquele pedido. Mas prometi. Deixei-a depois ir com a incerta certeza de que logo teríamos a contemplação das estrelas. E para quê negar mais o que ainda não se tinha provado impossível? Veríamos as estrelas os dois. E no dia seguinte estaríamos novamente juntos.

Eu fiquei ainda mais uns momentos sentado no banco onde tínhamos estado, e ia vendo aquela menina deslizar com os seus passos certos. Os seus cabelos longos esvoaçavam com o vento que se instalara desde que as suas pontas aloiradas me tinham tocado no rosto. Tive vontade de correr até ela e tocar-lhe nessas pontas, como se elas fossem marca de alguma história que ela tinha e não me contara.

Quando finalmente me cansei de estar ali sentado, levantei-me e fui diretamente para casa. Sentia-me bem, em paz, sem o pessimismo e a solidão que me perseguiram. Assim que cheguei a casa, deitei-me no sofá. Liguei a televisão e adormeci sem grande esforço. Dormi como um anjo e acordei por volta das sete horas e certo de que tinha tempo para o encontro marcado.

Coloquei de parte as interrogações que me queriam perturbar a serenidade. Não queria saber, por exemplo, como podia aquela menina estar àquelas horas naquele lugar. Mas, se ela não vivesse segundo as regras deste mundo, tudo era possível.

A noite envolvera a vila de Sintra com nevoeiro. A paisagem ficara com as formas de um bucolismo misterioso. Caminhei até ao meu carro e estava, passados três minutos, a estacioná-lo no redor da igreja de S. Pedro. Chegara um pouco antes da hora e esperei calma e tranquilamente pela menina, confiante de que ela apareceria. Depois de eu ter saído da quinta da Regaleira, chovera bastante e o céu ficara bem carregado desde então. Naquele momento não havia nenhuma estrela possível de ser contemplada. E a qualquer momento a chuva poderia voltar a reinar.

Rompendo o nevoeiro, que se tornara mais denso, surgiu Sintra. Sorri. Ela vinha como sempre: com sorriso largo e doce no rosto e a caminhar com passos curtos, como se cada um deles fosse um salto.

Falei logo:

– Hoje não vamos conseguir ver estrelas. E a qualquer momento pode começar a chover.

– Confia. Não esperes o pior.

E segui Sintra, percebendo de imediato para que local me conduzia. Deixei-me ir e uma vez mais referi o meu receio: podia começar a chover e podíamos ser apanhados por alguma chuvada sem maneira de nos abrigarmos.

– Confia.

Disse Sintra novamente. Mas às vezes é tão difícil confiar. Outrora confiara na certeza de que ia ser feliz e... a vida trocou-me as voltas.

Seguindo Sintra, chegámos à esperada clareira, o miradouro da Condessa de Seisal. O palácio da Pena, oculto pela vegetação naquela extensão, tornou-se visível. E apenas daquele lugar se conseguia ver o palácio na sua plenitude, como se fosse uma miragem. Claro que as nuvens se tinham dispersado enquanto caminhávamos e, por isso, o palácio, lá no alto, se tornara visível para os nossos olhos. As nuvens tinham desaparecido e as estrelas brilhavam naquela noite de lua nova.

– O céu estrelado!

Exclamei incrédulo, mas aceitando a magia do que acontecera.

– O céu estrelado é tão belo!

Disse Sintra sem referir a minha relutância em ir ver estrelas numa noite que se previa chuvosa. Mas às vezes a chuva começa dentro de nós. E ficamos à chuva como crianças que querem ter uma mãe que os leve e que os trate com os maiores cuidados.

Sentados no banco do miradouro, contemplávamos o céu estrelado. O silêncio foi a nossa conversa e a solidão dispersou-se. Senti-me encontrado e achado na minha perdição existencial.

Aos poucos, um cansaço começou a envolver-me e adormeci ali no banco do miradouro. Despertei e estava sozinho... Mas a solidão não estava mais ao meu lado. Essa começava a aproximar-se dos meus amigos Filipe e Sara. Em breve, perceberia porque a menina Sintra me pedira para dedicar mais tempo aos meus amigos.

## XV

Novembro terminaria frio e chuvoso, e esse tempo estender-se-ia pelos primeiros dias de dezembro. Sintra tinha um encanto excepcional nessa época. O romantismo da paisagem húmida e coberta de folhas era encantadora. O musgo verdejante, que nas ruelas mais estreitas

conquistava as paredes majestosa e triunfalmente, era um toque da fantasia com que a serra se enfeitava.

Contudo, o dia seguinte ao meu reencontro com a menina Sintra foi um glorioso domingo de sol, apesar do frio que tomou a serra. Logo pela manhã, o meu telemóvel tocou e eu atendi com um vigor raro.

Filipe, que depois passou o telemóvel à mulher Sara para que esta também insistisse no convite, convidava-me uma vez mais para almoçar lá em casa. Apesar de morarem em Sintra, andava a declinar os convites que me faziam para partilharmos uma refeição em casa deles; nem a proximidade das nossas habitações tinha feito com que fosse. Mas, desta vez, consciente do que tinha prometido a Sintra, anuí e fui almoçar com eles, mas com o aviso de que tinha de sair de lá o mais tardar às catorze e quarenta e cinco. Além do mais, tinham algo para me dizer.

Era quase meio-dia quando saí de casa. Respirei a humidade do ar exterior com paz. Ia estar com os meus amigos e estava curioso com o que me queriam contar. Estaria Sara grávida?... Há muito que falavam disso. Assim que lá chegasse, perguntar-lhes-ia pela novidade.

Confesso que me sentia um pouco infantil por estar movido pela curiosidade. Mas senti-me como que restaurado na amizade, no amor que tinha por aqueles meus dois amigos de infância. E ficaria radiante quando os mesmos me dissessem esperar um filho. Andara com Sara na escola, desde o primeiro ano. E Filipe sempre fora um dos meus maiores amigos desde que a nossa amizade começou a ser consolidada na adolescência. Ele chorara no meu ombro a sua primeira desilusão amorosa e abraçara-me quando me contara que amava Sara e que se ia casar com ela.

Os dois moravam nas proximidades do largo de S. Pedro. Por isso, precisava de poucos minutos para lá chegar. Assim que entrei em casa deles, Sara deu-me um forte abraço. O seu longo e loiro cabelo envolveu-me e eu lembrei-me das pontas aloiradas da minha menina secreta a tocarem-me no rosto no dia anterior.

De seguida, cumprimentei Filipe com um aperto de mão forte. Estranhei o rosto acabrunhado com que me recebeu e notei que tinha perdido cabelo. De seguida, olhei para Sara e fixei-me no rosto dela. Tentei desvendar o abismo que ela tinha no olhar e pressenti uma enorme tristeza ... A notícia que tinham para mim não era, afinal, boa... Divórcio?

A casa de Filipe e Sara era uma casa moderna apesar de inserida num contexto bucólico, coincidente com a localização. As cores do interior resumiam-se ao branco e ao preto, sem grandes adornos e tudo

simplificado com linhas simples. A casa não tinha os detestáveis bibelôs e tudo era disposto numa harmonia que diria zen.

Na sala, estando eu já sentado num dos sofás individuais, Filipe ofereceu-me uma cerveja. Sara apareceu logo depois com um tabuleiro de aperitivos para petiscarmos enquanto o almoço não estava pronto. Depois de ter pousado o tabuleiro, sentou-se ao meu lado. Filipe mantinha-se em pé, junto à janela e sem me olhar diretamente.

– Temos algo para te dizer.

Foi Sara que começou a conversa séria. Eu não sabia o que dizer e estava expectante com o que eles tinham para me anunciar.

Sem tento na língua, Filipe falou.

– Tenho cancro e vou morrer.

E continuou a olhar para a rua pela janela, quase imóvel.

Sara agarrou-me na mão. Eu fiquei calado e sem saber o que dizer.

A morte... Ah! Esse fim concreto na incerteza da nossa vida. Mas fim tão certo na vida do meu amigo Filipe.

– Filipe!

Exclamou Sara com uma certa irritação. Continuou:

– Há formas mais suaves para falar certos assuntos.

Mas Filipe não queria eufemismos. A negação por que passava não lhe permitia suavizar as palavras e os sentimentos, que exteriorizava de forma impetuosa e intempestiva. A morte é morte; não é fechar os olhos para sempre. A morte é morte; não é dormir sem acordar. A morte é morte e perturba a realidade de qualquer pessoa. Há quem saiba enfrentá-la quando há coragem e há quem seja incapaz de a aceitar e de viver o tempo restante com tranquilidade e discernimento.

O almoço foi o prorrogar dos sentimentos fúnebres que se tinham apoderado dos meus dois amigos. Desde esse dia, nunca mais vi qualquer um deles rir de alegria desprendida de problemas. Desde esse dia, senti que a vida tinha preparado para aqueles meus dois amigos destinos imponderáveis e improváveis. Pouco se falou ao almoço, apesar de eu ter tentado criar constantemente assuntos que pudesse desviar a atenção do foco principal.

Foi, no final do dia seguinte, que entendi melhor o abismo que dividia já Filipe e Sara. Foi com ela que me encontrei no café do Preto

depois de me ter telefonado no final da manhã de segunda-feira a pedir-me para conversar com ela no final do dia.

Então, diante mim, ela falou e chorou, pedindo-me desculpa por desabafar daquela forma sabendo que eu ainda estava a passar por um período difícil. Mas a minha dor foi posta de parte. Os amigos não sofrem os seus problemas quando têm um amigo diante deles a chorar.

Sara acabaria por me contar que já sabiam da doença há algum tempo e que a pedido de Filipe ainda não tinham contado nada. Filipe não tinha qualquer hipótese de a vencer e por isso recusara qualquer tratamento. A ideia de poder adiar o fim também não o convencera. Sara pedir-me-ia que conversasse com ele apesar de achar que a intransigência de Filipe não seria abalada pela minha iniciativa. A minha amiga, nessa segunda-feira, desabaria como onda em desespero e por se sentir incapaz de lidar com Filipe, que se tornara um homem irascível. Acrescente-se a isso a importância de uma decisão que tomara e que me revelaria.

Às vezes, vivemos a nossa vida, julgando-a mais sofrível que a dos outros, julgando que a solidão que temos é maior que todas as outras que possam existir. Mas ao nosso lado subsistem pessoas com existências mais miseráveis do que a nossa. Em Sara, senti que a solidão que lhe banhava a terra do seu quotidiano era maior do que alguma vez poderia imaginar. E o casamento que julguei ser perfeito com Filipe estava, afinal, mais longe do sentido dessa palavra do que alguma vez eu poderia crer. As pessoas vestem-se de máscaras e são tão poucas as que se despem delas e enfrentam a vida sem as cores e as formas ilusórias dessas máscaras.

Que máscaras agora segurava eu no luto que não conseguia enfrentar e fazer?

Apenas com Sintra conseguia estar livre de fingimentos, quer nos gestos, quer nas palavras.

Ainda no domingo em que soube que Filipe morreria em breve, ainda tive o meu encontro com Sintra. Consciente de que a hora marcada se aproximava velozmente, iniciei as despedidas necessárias. Fiquei de me encontrar com Filipe ao longo da semana para falarmos os dois a sós. Ainda não sabia que no seguinte seria com Sara que me encontraria e que lhe enxugaria as lágrimas.

Despedi-me de cada um deles como se tudo fosse parte de uma despedida feita antes de uma viagem longa. Saí de casa deles e o branco

e o negro do seu lar mesclavam-se num tom cinzento, onde os dois ficariam à deriva, como náufragos sem esbracejar os braços com o intuito de serem salvos.

Meu pobre amigo Filipe! Como podias não estar revoltado ante o avanço inexorável da Morte?

E sentia-me inquieto, temeroso com o vazio que voltara a envolver-me com imponentia.

## XVI

Cabisbaixo e lânguido no andar por causa do convívio com Filipe e Sara, cheguei à fonte Mourisca. Eram poucos os transeuntes que circulavam pela alameda da Volta do Duche. Apenas alguns vinham do lado da estação de comboios em direção ao centro histórico, percorrendo esse caminho com lentidão e saboreando o percurso com uma satisfação evidente no rosto.

Dentro do espaço da fonte, estava sentada Sintra num dos bancos de pedra que existem nas laterais. Estava com um sorriso simples e luminoso. Esse sorriso tocou-me de leve a alma e pude colocar momentaneamente no olvido as agruras desse dia.

Sentei-me ao lado dela e logo ela falou:

– No outro dia conheci o teu irmão.

Franzi o rosto com estranheza.

– João?!

– Não tens outro. Vi-o, mas ele não me viu. Segui-o e quis sentir o porquê de o amares tanto.

– Onde o viste?

– Perto de uma obra em que ele trabalhava.

– Porque o seguiste?

– Já te disse: porque queria saber o porquê de o amares tanto.

– E descobriste a resposta para esse porquê?

– O teu irmão tem a luz da perfeição que todos os seres humanos têm. A mesma brilha num estado já intenso, mas não consegue refulgir na entrega ao outro. Tu és o único ser humano que fez com que o teu irmão

partilhasse essa luz, esse amor infinito. E essa entrega por parte de ti explica a retribuição do teu irmão.

Era quando Sintra falava assim que eu não sabia diante quem eu estava. Estava perante uma menina? Estava perante um anjo? Estava diante quem?

Falámos ainda mais um pouco do meu irmão e não dávamos conta do tempo que passava com a mesma cadência. Nesse domingo, ficámos sentados num dos bancos situados na fonte, indiferentes às pessoas que circulavam pela alameda e que paravam esporadicamente naquele lugar.

– João tem de construir pontes até às estrelas. E essas pontes constroem-se com o coração.

Foram as últimas palavras de Sintra sobre João nesse dia.

E o meu irmão tinha de construir pontes para lá dele para a luz interior refulgir, refletir-se na mulher e nos filhos. Mas ele não sentia o encanto da luz estelar, o encanto que o sol partilha com aqueles que ousam deixar-se tocar. E o mais importante na vida, por vezes, é apenas ficar a ver o pôr-do-sol, pois esse é um momento perfeito. E a vida torna-se mais valiosa por cada momento sublime que é recolhido e guardado na memória. Ver o pôr-do-sol é lembrança para os espíritos iluminados que a escuridão é somente a ausência de luz, assim como a tristeza é também somente a ausência do seu oposto: da alegria. E a noite poderá apenas existir no exterior dos homens se estes sempre cultivarem o amor: a luz da vida feliz.

Sintra mudava-me a vida: não a vida que eu tinha, mas o entendimento que tinha dela, o discernimento que agora tinha diante a multiplicidade de coisas e pormenores com que a mesma era feita. O meu eu não era o ponto de partida para ver, mas apenas passagem para a entender. E o amor por tudo e todos definia o sentido da vida, que apenas seria feliz se vivida com esse amor ilimitado.

A noite envolvera-meiga e misteriosamente a vila. Um céu estrelado povoava o teto do mundo. E as estrelas tinham um brilho incomum. Diria que era mais intenso. Talvez fosse pela forma como as contemplava.

– Vamos ver as estrelas a partir do centro da vila.

Pedi eu a Sintra sem me preocupar com o tempo ou com a possibilidade de ela ter de se ir embora. Ela era perfeita: existia para lá do tempo. Ela não tinha limites: a sua existência era indefinida e eu feliz

nessa indefinição. E às vezes a felicidade descobre-se no que não tem forma e tempo.

Levantámo-nos e seguimos a alameda da Volta do Duche até ao palácio da Vila. Foi encostados no parapeito que envolve o espaço do referido palácio que Sintra me disse aquilo que eu defini como o resumo dos ensinamentos que tive dela.

“Ama com as palavras.

Ama com os gestos.

Ama com os pensamentos.

Ama-te e ama todos os outros.

Ama o mundo, cada dia, cada momento.

E depois ama com a grandeza da alma quem for especial.

Ama e perdoa todos.”

As suas palavras talvez não tivessem sido exatamente estas e talvez a forma de as ter posto como se fossem partes de versos não seja o mais correto. Mas as palavras delas tocaram-me como poesia e é como poesia que eu quero que sejam conhecidas.

Diria que as palavras pronunciadas pela minha menina misteriosa tocaram as estrelas, que esplendorosas brilharam mais do que nunca. Foi como se a mensagem fosse proveniente das estrelas, como se o amor fosse luz na noite infinita do universo e que viajamos por este quanto mais amarmos. Talvez por isto os homens levantam os olhos para o céu noturno porque sentem de onde vêm e que o caminho a seguir está em cima deles.

Sintra!... Deixei-a ir nessa noite e não depus na mesa das inquietações todas as questões que ainda não tinham sido respondidas. Às vezes, a vida deve ser vivida sem interrogações. Às vezes, a vida deve ser somente dirigida com a força do coração, quando este lateja na sintonia da luz que transcende a física deste mundo. Deixei ir Sintra e não me preocupei quando me disse que apenas me apareceria quando o problema de Filipe e Sara ficasse resolvido.

Somente no dia seguinte, a caminho do trabalho, pensei no que ela me disse: como podia resolver o problema de saúde de Filipe?... Ainda

nesse dia saberia que o problema não era viver ou morrer: era outro e não desconfiava sequer que o mesmo existia. Por vezes, amigos caminham ao nosso lado com perturbações que não nos passam pelo imaginário, com aflições que julgávamos inexistentes. E, por vezes, muito pouco podemos fazer. O que podia eu fazer por Filipe e Sara?

## XVII

Chovia no final do dia quando me encontrei com Sara no afamado café do Preto, onde habitualmente ia para devorar as pequenas e deliciosas queijadas de Sintra.

Assim que me sentei na mesa onde ela já estava, reparei que a minha amiga tinha olhos chorosos. Contudo, preferi não comentar isso no momento. E, ao sentar-me, era como se me sentasse num abismo pronto a devorar-me por vontade minha, pois não temeria entrar nas convulsões sentimentais que arrasavam o íntimo de Sara.

– Obrigado por te teres encontrado comigo assim à última da hora.

Sara, mulher tenaz, cheia de personalidade na firmeza de opinião e atitude, mostrava-se ali frágil. Afinal a sua tenacidade tinha as suas debilidades e as suas sombras.

– Vou deixar o Filipe!

A afirmação de Sara deixou-me boquiaberto. As palavras secaram-se-me na saliva e fiquei momentaneamente sem falar.

Os primeiros pensamentos foram inquisitoriais.

“Como podia ela deixar Filipe quando ele esperava que a morte o levasse em breve? Como podia ela deixar o homem que sempre amara de uma forma que cheguei mesmo a considerar obsessiva? Como podia Sara ser tão insensível?”

Mas o meu julgamento não tinha sentido. Como aprendera com Sintra, ninguém deve julgar ninguém, pois quem passa pelas circunstâncias e enfrenta as dúvidas pode entender o porquê das palavras ditas e das ações cometidas. O bom juiz é apenas aquele que se julga a ele próprio.

Mas, se os meus primeiros pensamentos foram inquiridores, os seguintes cresceram nessa afinidade quando ela me disse que ia seguir a vida com Nuno, o nosso amigo Nuno e também amigo de Filipe...

Mas o choro de Sara fez com que eu colocasse de parte o meu julgamento. E quem era eu para julgar?

Abracei-a e chorou no meu ombro. Pudesse eu e faria com que as suas lágrimas cessassem de imediato. Abracei-a e tentei aconchegá-la, apesar de saber que todo o conforto que lhe pudesse dar naquele momento ser pouco. Mas senti-me feliz por a consolar, pois também ela me consolara de igual forma quando Sílvia morreu.

Disse para sairmos dali. Paguei rapidamente e levei-a para o meu carro. Aí voltamos a conversar e pude entender melhor a minha amiga, que me pareceu uma estranha por diversas vezes, pois a sua alma aberta sem o fingimento social era diferente daquela que eu conhecia.

– Durante anos, vivi num buraco. Tudo o que desejei era sair dele, independentemente do que pudesse eu receber. Certo é que saí de um buraco para me meter dentro de um maior e mais escuro, porque não decidira com lucidez, mas em função do medo.

As palavras de Sara permitiram-me tocar mais nas profundezas da sua alma. Fiquei assustado com o tanto que as pessoas por vezes escondem das outras. Ela aceitara Filipe com medo; não por o temer, mas pelos temores que a vida já lhe proporcionara. Aceitara-o, mesmo que o que sentia por ele não se definisse na palavra amor; aceitara um casamento como se tal hipótese fosse única.

Ficámos a conversar no carro e Sara ainda não me revelara tudo. As suas palavras estavam trémulas, inerentes a um nervosismo que eu ainda não entendera plenamente.

O meu telemóvel tocou, mas não atendi. Era Nuno, o nosso amigo. Ligar-lhe-ia mais tarde. Lembrei-me de que não estávamos juntos há muito tempo.

– É o Nuno. Ligo-lhe depois. Podíamos-nos reunir todos.

Sara ficou perturbada com tal ideia.

Perguntei:

– E o Nuno o que pensa disso tudo?

Eu queria ter a visão plena da verdade. Mas o que é a verdade?... A verdade às vezes não se vê: apenas se sente. E o amor verdadeiro por vezes não se reconhece quando se procura vê-lo com os olhos do rosto. Tal como a verdade, o amor verdadeiro é invisível. Mas essa invisibilidade pode ser rasgada com uma confissão.

– Ele ama-me, tal e qual como eu o amo. Estou apaixonada por ele!

A afirmação abalroou-me violentamente.

Tive vontade de telefonar para Nuno naquele exato momento e interpelá-lo. “O que é que ele fizera? Como pudera ele interferir na relação de Sara e Filipe? Qual era o tamanho da culpa que tinha?” Mas eu não tinha qualquer direito em elaborar tais questões, pois o entendimento que tinha de tudo o que ficara a saber no final daquela tarde era diminuto. E ninguém deve julgar outrem, pois o bom juiz não julga nem condena.

– Agora sei que nunca amei o Filipe.

Como Nuno entrara na alma de Sara?

Ela mais me contou:

– Amo Nuno há muito tempo. Lutei contra o sentimento. Mas o que sinto é maior do que toda a racionalidade com que tentei esganar aquilo que sentia...

A liberdade de amar estava implícita nas palavras dela. A alegria de sentir essa liberdade e de crer no futuro não era arrumável numa qualquer gaveta do coração.

– ... Amo e não me arrependo de nada. E estou a tempo de ser verdadeiramente feliz.

Às vezes a onda que apanhamos não se escoa na suavidade de uma praia, mas numa encosta rochosa, onde se desfaz com violência e sem pressentir o fim. As palavras de Sara entranharam-se-me e pude entendê-la. Tive, contudo, pena de Filipe. A sua teimosia, que ele afirmava diante a morte, e a frieza com que sempre vivera a sua relação com Sara eram castigos causados por ele. As consequências poder-lhe-iam sem dúvida ser imputadas.

Se Sintra estivesse comigo ali a consolar Sara talvez tivesse simplificado tudo o que Sara me contara. Mas não estava. Optei por não julgar nada nem ninguém no fim. Em tudo o que Sara me contara nunca vi o desejo de ela fazer mal a alguém, mesmo que as consequências dos seus sentimentos e dos seus atos pudessem ferir Filipe, que caminhava vorazmente para as bocarras da morte. Talvez logo ainda ligasse a Nuno. Mas o que é lhe diria?

Depois de ter acalmado Sara, fui para casa. Ela seguiu o destino dela e nunca mais a vi depois desse dia. Antes de ela ter saído do meu carro, dei-lhe um grande abraço, sentindo aquele momento como despedida. E a vida é feita de tantas despedidas, que nem entendemos que as mesmas são parte da essência humana.

O amor revela-se de formas extraordinárias e também tão contraditórias. O amor por vezes começa com uma traição para poder brilhar no céu da felicidade. Mas não deixa de ser divino por isso. A gênese que sublinha a insignificância de um outro amor, que apenas se expressou de forma imperfeita no significado da palavra, é apenas o princípio para se poder atingir, sentir algo maior.

“Adeus, Sara! Espero que tu e Nuno sejam felizes no amor...” E foram na nova viagem que tinham pela frente; eram agora duas almas sem medo de serem verdadeiramente felizes no amor que sentiam um pelo outro... Filipe morreria sozinho e sem saber o que era, verdadeiramente, o amor. Não sei se morreu desiludido, pois apenas se desilude quem anda iludido e julgo que ele, apesar de a Sara o ter deixado, sempre soube a verdade: apenas não a quis libertar antes.

Afinal, nunca estive nas minhas mãos fazer o que quer que fosse por Filipe e Sara. Quase sempre somos impotentes diante os acontecimentos da vida, principalmente diante os que não são diretamente nossos.

## XVIII

As duas semanas que antecederam o Natal foram acaloradas por um sol intenso, como se o final do outono tivesse desistido de passar o testemunho ao inverno com o devido aviso. Talvez nem o outono nem o inverno se tenham entendido e talvez tivessem deixado espaço para um sol, que eu diria primaveril, brilhar e governar Sintra.

Certo dia vi Sintra sem que ela se apercebesse da minha presença. Farto de trabalhar e esquecido de preocupações pelos afazeres caseiros, saí do trabalho no início da tarde e regresssei à minha terra. Fui andar pelas ruelas do centro de Sintra. Andava pouca gente na rua, talvez o frio afugentasse os passeantes. E as poucas pessoas que passeavam àquela hora eram estrangeiros afoitos em conhecer os encantos do lugar. Foi, então, que vi Sintra a andar e a seguir esporadicamente as poucas pessoas que andavam por ali àquela hora. Ela aproximava-se dos

transeuntes com naturalidade, observando, escutando e até tocando. E parecia que ninguém a via.

Passei eu a segui-la, intrigado com a movimentação dela. Como era possível que as pessoas não parassem ante aquela menina?

Sintra seguiu caminho pela Volta do Duche. Seguia-a e segui-la era seguir o caminho para descobrir algumas verdades nesse dia. Foi junto à câmara municipal de Sintra que a mesma se virou e me viu. Logo um sorriso envolveu o seu rosto. Aproximei-me dela algo envergonhado. Mas apesar disso, perguntei:

– Porque é que tocavas nas pessoas?

Sintra sem subjetividade e sem qualquer desculpa tonta que pudesse justificar a sua atitude, logo respondeu:

– Gosto de sentir texturas.

– E as pessoas...

Gaguejei, mas Sintra logo falou:

– Ninguém pode ver-me ou sentir-me.

Uma verdade que eu não queria ter como certa pela sua boca.

– E eu? Eu vejo-te!

– Eu escolhi-te. Os sonhos que tens na alma permitem-te ver e sentir mais além do que a maioria das pessoas.

De pé, indiferentes ao vento frio que começara a soprar com maior intensidade, conversávamos. Foi então que senti uma súbita solidão. A escuridão da perda de alguém que amei mais do que tudo espalhou-se pelos meus pensamentos como bruma densa.

A luz do sol tornara-se morna com o vento frio, que soprava com ecos dos recantos encantados que existem pela serra da lua. Os raios do sol tocavam-me com mansidão no rosto e um calor ténue impelia-me a sentir um mistério que não entendia. Quase inconsciente, toquei no cabelo de Sintra, nas pontas douradas do seu cabelo e o que senti foi o calor daquele dia, como se ela fosse feita de estrelas.

Mas o que senti no toque foi trocado subitamente por uma tristeza enorme e que se mesclou com a solidão já sentida. Uma saudade inexplicável: a lembrança de memórias alegres percorreram-me a floresta da minha memória como trilho que subsiste porque dois ou três caminheiros insistem em o percorrer.

“Quem és tu?... Porque apenas eu te vejo?... Poderei estar louco?...”

Outras interrogações tornavam maior o abismo que sentia no momento. Podia colocar a Sintra as minhas questões e limpar o nevoeiro que estava dentro dos pensamentos. Mas inóspito temor segurava a minha voz.

– Sinto-me triste. Um vazio tocou-me.

Disse-me Sintra, que sentira pelo meu toque o que me ia na alma.

– Devo ter sido eu ao tocar-te.

Disse eu envergonhado.

– Já sentia esse vazio, já tinha uma saudade inexplicável em mim.

Uma saudade imensa espraiava-se no ser de Sintra, que continuou:

– Mas o teu vazio é maior do que o meu. Apesar de tudo, esse vazio é luz, brilha para mim e não deixa que o meu vazio aumente.

Mais tarde, entenderia a luz que ela dizia que eu tinha. Entenderia porquê o vazio dela encher o meu com o dela.

O silêncio envolveu-nos. Aceitamo-lo e apreciámos melhor a presença do outro. E esse silêncio apenas foi quebrado quando Sintra disse:

– Vamos ver as estrelas logo à noite. Vamo-nos encher com a sua magia.

A magia das estrelas era simples. O ser humano provém delas e por isso sente o calor do sol como calor de pai; e quando contempla os céus estrelados é como se visse uma fotografia da sua ascendência.

Quando me despedi de Sintra, não sei se a minha alma tocava no sol ou se era tocada por ele. Mas essa impressão foi posta na margem do rio da minha existência quando o meu telemóvel tocou no meu regresso a casa. Não queria acreditar no que João me contou.

## XIX

As pontes firmes que o meu irmão nunca erigira entre ele, a mulher e os filhos fez com que o casamento terminasse: essas pontes ruíram e João ficou sozinho na sua margem; e não sei dizer se feliz ou infeliz, porque ele nunca conseguiu exprimir-se devidamente, não sei se por incapacidade natural à sua personalidade ou se por vergonha ante o

sucedido. O amor ficaria por cumprir, não sei se para sempre ou se existiria algum momento em que o amor arrombaria a frieza da sua fortaleza interior.

Possa o meu irmão ser tocado pela luz do sol... Possa ele sentir o brilho da magia espiritual ao lado de alguém um dia. Possa ele viajar pelas estrelas na companhia da mulher que amar para lá de tudo. E que conserve tudo na memória.

Quando partir, levarei o rosto do meu irmão para as estrelas. Hei de colocar entre os astros os contornos da sua face e ele há de ser eterno, mesmo que morra e renasça com um rosto diferente e esquecido de que eu muito o amei e que o levei comigo.

Escrevo isto porque me recordo do que Sintra me disse um dia:

– Guardo rostos de pessoas que nunca cheguei a conhecer. São os rostos de pessoas com que me cruzei nas minhas andanças. São os rostos mais tristes os que melhor conservo na minha memória. E esses rostos vou levá-los para as estrelas: iluminá-los.

“Espero que leves o do meu irmão também.”

Que menina extraordinária me foi colocada no caminho trágico e ao mesmo tempo extraordinário. As palavras sábias transformaram-me e abriram-me a alma para o que era essencial na vida. A maioria das pessoas vive indiferente ao que é importante, sem entender os sinais, alguns por vezes brilhantes como o sol diário, mesmo que se esconda esporadicamente para que os homens o desejem mais, ou como as estrelas, que apontam os caminhos que existem para lá do céu que nos cobre a pequenez.

E o desejo de Sintra levar o rosto do meu irmão para as estrelas para que a alma dele pudesse reluzir foi sentido com intensidade três dias antes de o Natal se impor no seu dia efetivo. Três dias antes do Natal pressenti o fim: deste livro e da minha vida. Um desejo de partilha anulou o desejo que tinha em não divulgar a minha história com Sintra. Debelei o meu egoísmo e Sintra ia existir não apenas na minha memória.

Três dias antes de viver um último Natal, despertei e fiquei indiferente ao mundo. Fui caminhar pela serra e preparar, mesmo sem o saber, o meu fim.

No interior da serra, por caminhos húmidos, andando como um danado, perdido no tempo, vi aquele animal. Mesmo no meio do trilho que percorria, lá estava uma salamandra cor-de-fogo. O seu corpo

húmido, algo viscoso, cortava-me o caminho como que me obrigando a olhá-lo e a sentir o seu símbolo.

“Que bom augúrio trazia o avistamento daquele animal nesse dia?”  
E esse foi o dia em que vi Sintra pela última vez.

À tarde, encontrei-me com ela. Era domingo e dia de nos encontrarmos. Logo me disse:

– Leva-me a ver o pôr-do-sol.

Sintra falou assim que chegou ao pé de mim, enquanto a esperava na fonte Mourisca.

– Vamos então à Peninha.

– Vamos. Eu já estive a ver o sol a cair a partir do palácio da Pena. Adoro ir lá. Sinto-me uma princesinha.

Lembrei-me de que nunca passeara com Sintra por esse emblemático monumento. Mas há locais encantados que gostamos de visitar sozinhos. E ela teria esse palácio certamente como local para se encontrar consigo e com o seu íntimo: com o seu destino.

Íríamos à Peninha. Sintra adorava ver o sol esconder-se no mar. Ou cair no mar como ela dizia, pois a ideia de que o sol podia cair nas águas faziam-na rir e a efabulação dessa possibilidade salientavam o sorriso que costumava ter no rosto.

Já na Peninha, ela disse-me:

– A vida é feita de tantos encontros e partidas. Por isso, temos de aprender a viver com amor para, quando o momento do adeus surgir, sabermos dizê-lo com alegria.

E eu entendi logo. Disse:

– Talvez por isso sorris de forma diferente. Vais partir... Também devo sorrir então.

E tinha tudo para sorrir apesar de já sentir nostalgia com a partida de Sintra. “Será que mudaria de nome?” Foi logo uma das perguntas que tive. Muitas outras questões, no silêncio da minha existência, teria. Mas, depois de elaborada mentalmente a pergunta, senti efetivamente alegria; alegria pois tinha sido um felizardo em ver Sintra, em ter conversado com ela – convivido com ser tão maravilhoso, que estará para sempre no silêncio de cada estrela que eu contemplar à noite.

Todavia, como podia não estar triste com a partida de Sintra?... Eu amava aquela menina, mulher, sei lá. A minha alma abria-se à dela e a plenitude que vivenciara não podia agora ser posta de lado, negligenciada por uma simples partida. Por isso, depois de a ter abraçado, disse:

– Não quero que partas. Encontrei-te e não te quero perder. Deixa que a morte trate disso... Ou leva-me contigo.

Os meus sentimentos estremeciam e não sabia já o que sentir.

Sintra segurou-me a mão direita com as suas duas. Pela primeira vez, tivera tal gesto. O toque dela não me foi estranho. Parecia que o conhecia. Era um toque pequeno e tímido; tímido porque era a sua alma a tocar na minha. E eu senti esse toque como se fosse a repetição de um toque que há muito não sentia.

Ali estávamos, de costas para a capela da Peninha, virados para o mar, para aquele atlântico imenso, encostados ao muro e cheios de tanto naquele momento, momento que seria, no dia seguinte, fugaz. Ali estávamos, lúcidos com a despedida.

“Como partirias? Voltarias para a tua terra? Onde ficava esse lugar, claramente perfeito se tinha habitantes como tu?... Ou irias procurar outra terra bela e maravilhosa como Sintra, que tinha a serra onde, segundo o que dizias, vias o mais belo luar?... Ou eras apenas um anjo, enviado até mim para eu ter consolo por ter perdido Sílvia, a mulher que tanto amava?”

Mas as perguntas que tinha não as elaborava oralmente.

– Não podes ir comigo. Mas estarei sempre nas estrelas. Nós somos feitos delas. As pessoas na Terra é que apagam tanta vez a luz que têm. E estarei sempre na lua quando a vires, principalmente na lua cheia. E estarei também na chuva que cair...

– Não partas!

O sol caía vagarosamente no mar. Por vezes, Sintra virava os olhos e via o pôr-do-sol, talvez o último dela naquele sítio.

O vento intensificava-se. Mas não trouxera nuvens para ocultar a paisagem imensa que se tinha a partir daquele miradouro para o mar e para o mistério. O vento intensificava-se e o frio não nos perturbava, como se o calor do momento fosse superior à temperatura real.

– Francisco!...

A forma como ela disse o meu nome foi um instante de lucidez. Lembrei-me de que nunca lho dissera, que nunca me apresentara àquela menina, que sempre convivera com ela sem que me tivesse revelado na simplicidade de dizer o nome. E a forma como ela disse o meu nome, aquela toada, eu reconheci... Não podia ser!

Fixei os claros olhos de Sintra. Não sei que cor exatamente eles tinham agora. Fixei-os e a tonalidade das formas que eram porta para a alma assimilei como que por magia. Aquele olhar... Aquele olhar era de Sílvia!

– S... S...

E a incapacidade de sair o som sibilante.

– Sintra, Francisco.

O meu nome dito por ela para eu poder o dela pronunciar num ato sagrado:

– Sílvia...

E a minha menina, que encontrei numa inesperada tarde de outono, sentada nos degraus do palácio da Vila, era a maior maravilha que alguma vez tivera.

Mas como podia ser Sílvia? Eu tomara-a nos meus braços morta, eu a velara, eu vira o seu corpo... cair na terra. Logo me lembrei do que uma vez Sintra me dissera:

– Apenas se se cair, pode-se voar. Vê os pequenos pássaros que estão na proteção do ninho. Quando eles saem do ninho, eles caem e apenas assim poderão bater as asas e voar. Eu acredito que o sol voa logo quando cai na paisagem. Prefiro imaginar que é assim.

E o corpo de Sílvia caíra à terra para voar. Voar e ser maior...

Fiz então uma pergunta:

– Porque voltaste?

– Apenas agora to sei dizer... Onde estava, falavam do amor. Sentia-o, mas não o entendia, como se o tivesse esquecido.

Ela voltara por mim, voltara para o meu espírito arder no fogo regenerador, como se eu fosse uma salamandra que quisesse libertar a alma e revelar os mistérios encerrados nela própria. Por isso aceitei as palavras finais de Sintra:

– Há encontros eternos, que têm partidas para se ter a alegria do reencontro. Eu parto para nos reencontrarmos... no fogo, no sol, na luz das estrelas...

– Até breve... meu amor...

Abracei-a e foi o momento em que o sol caiu definitivamente no mar naquele dia. Mas não se escondera, voava no espaço à espera de se reencontrar com a paisagem de Sintra no dia seguinte.

Quando dei conta, estava só. A claridade era reduzida e foi com a luz fusca do anoitecer que regressei ao carro. Abri a porta, sentei-me e pude então chorar de saudade e felicidade.

## XX

Por que razão Deus me concedera a graça de conhecer Sintra?... Em verdade, deslumbramos os outros pela capacidade de amar. E o deslumbramento que tinha por Sintra, Sílvia agrilhoava-me a liberdade de amar sem limites.

Percebi então que a verdade do que me acontecera estava em escrever tudo, mesmo tudo, sem temer a incredulidade de quem pudesse ler os factos que narro. Por isso, escrevo: conto os extraordinários factos que me ocorreram.

E hei de publicar esta minha primeira e última história. Por isso, telefonei ao meu editor a dizer que me demitia. O jornalismo que fiz, que tanto amei já não servia para o que me restava ainda fazer.

O meu editor, um homem cheio de vida e experiência, mas que talvez nunca aprendera que o essencial da vida não se vê nem se escreve, não entendeu o porquê de eu tomar tal decisão.

– Vais viver do quê? Precisas de trabalhar para o sustento. E és bom no que fazes. Tira férias. Não largues este trabalho, ele é a tua vida agora...

Foi difícil convencê-lo de que a decisão tomada era definitiva. A vida para ele era notícias e fazê-las bem. E ele tinha bastante valor por isso. Pedi-lhe um último favor:

– Se um dia destes receberes um livro escrito por mim, tenta publicá-lo, já que conheces vários editores.

O tom de voz impetuoso para me convencer do contrário diluiu-se e disse que sim. Talvez tivesse percebido a voracidade com que o meu fim se aproximava.

– Mas vem um destes dias visitar-me. Traz-me tu esse livro.

O editor do jornal onde eu trabalhava chamava-se João, como o meu irmão. Ele receberia o meu livro por correio eletrónico. E nunca o fui visitar...

Três dias antes do Natal, pressentira o fim do que vivera. E tinha de escrever tudo sem temer possíveis comentários jocosos. Tinha também de encerrar a minha vida. E a existência de Sintra tinha de se cumprir quanto antes neste livro. Sintra, Sílvia chamava-me.

A primeira vez que sonhei com Sintra desde a sua partida deu-me o ímpeto necessário para escrever o que ia escrevendo. Foi na noite de Natal que sonhei com uma noite sem fim. Eu estava só no palácio da Pena. Contemplava a escuridão do céu, pintada com o brilho das estrelas distantes. Mas o meu olhar perscrutava mais do que o olhar humano. Foi então que uma visão me toldou o olhar.

Vi uma menina a voar pelo mundo. Voava, esquecia o nome, mudava de forma... Mas Sintra era o último nome; e aquele corpo, se era um realmente, era o definitivo. Via-a depois erguer-se num voo mais alto e voava pelas estrelas. Por elas passava e mais brilhava, como se aquilo de que éramos feitos brilhasse mais junto à origem.

De repente, Sintra viu-me no palácio e voou velozmente até mim, como se a distância do espaço pouco fosse. Voou até mim, segurou-me a mão como no dia da nossa despedida e apenas me disse:

– Escreve a minha história e vem cair...

Acordei lúcido e feliz com a certeza de que o meu fim estava muito próximo...

O essencial da minha vida, desde o dia do sonho, foi escrever com uma celeridade nunca antes tida. Deixei definitivamente de ter medo por contar quem foi Sintra e as conversas que tive com ela. Pode ser que outras pessoas possam ver aquilo que é essencial na vida delas, mas que é quase sempre impercetível. Foi desta forma que dobrei o meu egoísmo em nunca ter falado de Sintra a ninguém. E conseguirei partilhar a beleza de Sintra pelo mundo escrevendo.

A simplicidade de Sintra e a tranquilidade que ela tinha nos passos e nas palavras devem ser por toda a gente entendidas. Algumas pessoas pressentem isso quando visitam sítios belos como a terra onde conheci uma menina, que agora digo, com certeza, não era deste mundo. Mas para se ter essa percepção esta tem de ser cultivada no dia a dia, porque, como disse Sintra certo dia:

– As pessoas não vivem e morrem simplesmente. Viajam. E nem todas sabem chegar, partir; nem sabem mesmo preparar a mala. As pessoas têm de sentir e abrir os sentidos a verdades maiores do que aquelas que se podem ver com os olhos do corpo.

E nessa mala sei que deve ir o amor: por todos, mas principalmente por alguém especial, pois ninguém gosta de viajar sozinho. Eu, que fora um jornalista tão pragmático, agora tão poético, até pareço Sintra a falar. Eram tão belas as palavras dela.

Para os incrédulos, possa esta história ser uma bela história de encantar. Agora, termino-a, esperando que o meu irmão, o meu editor, toda a pessoa que nasce neste mundo com o brilho das estrelas, possam um dia brilhar mais junto à estrela que os abraçou no princípio dos tempos.

Chego ao término da narração e deposito agora fé no futuro para que alguma pessoa possa editar o meu livro. Talvez o meu antigo chefe o edite, tal e qual como lhe pedi. Mas este mistério a mim não pertence.

Eu, que vivi os últimos dias sem noção do tempo e do que se passava no mundo, olho para o relógio uma última vez. São três da tarde. Sairei de casa ao entardecer, com saudade pela alegria que tive em mil e uma tardes, com Sílvia... com Sintra.

Há pouco, cansado de estar sentado a escrever no meu quarto, levantei-me da poltrona onde estava e abri os cortinados da janela. Olhei a paisagem e vi que o chão começava a ficar coberto pelas folhas que caíam das árvores. Era um outono que gravaria as suas formas e as suas cores com filigrana na minha memória. Lembrei-me de ver que dia era... Tomei, então, noção de que passara um ano desde que conhecera Sintra. Abri a janela e respirei o ar puro daquela que era a mais bela vila do mundo. E levaria também na memória o cheiro daquele outono.

Outras pessoas terão lugares especiais e únicos. Mas Sintra é para mim um lugar único e incomparável. A sua extensão de contornos encantados e histórias maravilhosas cativara-me como nunca outro lugar me cativara. Eu ainda era dos que tinham nascido na antiga maternidade

de Sintra e que foi fechada há vários anos. Crescera nesta terra de deslumbres, apaixonara-me em Sintra por Sílvia e terei de morrer aqui depois de ter aprendido que o essencial da vida é amar... e estender esse amor para lá de tudo aquilo que o destino nos cravar no peito.

Abri, então, a janela e deixei o ar frio entrar dentro da minha casa. Sentei-me na poltrona e escrevi até chegar a este ponto. Poderá este livro ter sido escrito como consequência de demência?...

Atravessarei Sintra pela última vez. Irei a pé para sentir a magia do lugar. Irei até ao santuário da Peninha, de onde a menina mágica partiu. Como misteriosa salamandra, a alma libertarei das labaredas do corpo quotidiano e, assim, revelarei o segredo do amor eterno: o segredo que se esconde nas estrelas...

Mas não vou morrer.

Vou tão simplesmente cair...

“Vou ao teu encontro, Sílvia. Finalmente, vou voar. Vou ser... eternamente teu.”

#### **Nota do editor:**

*Francisco foi dado como desaparecido no dia 1 de novembro do ano transato. Os primeiros indícios do desaparecimento apontaram para a possibilidade de Francisco se ter suicidado. O seu corpo foi procurado no santuário da Peninha e nas proximidades. Nunca foi encontrado. O manuscrito deste livro foi recebido por João Nóbrega, editor do jornal onde durante anos Francisco trabalhou e que procurou com tenacidade publicá-lo, apesar de duvidar da veracidade dos factos que são relatados.*

*Durante algum tempo, considerei este romance como estritamente ficcional. Mas, depois de estranhas ocorrências, que não importa relatar nesta nota, concluí que este livro narra factos verídicos, independentemente do que é realmente a verdade.*